

IMPACTO DA CULTURA URBANA SÔBRE A RURAL
ASPECTOS DE SITUAÇÕES CONSEQUENTES EM UM MUNICÍPIO PAULISTA

RAPHAELA CARROZZO SCARDUA

Tese para Doutorado apresenta-
da à Escola Superior de Agricultura
«Luiz de Queiroz», Universidade de
São Paulo

PIRACICABA
Estado de São Paulo - Brasil
1970

Ao Professor Dr. Aziz Simão,

respeitosa

Homenagem

Aos meus pais

Ào meu espôso

Aos meus filhos

Ofereço

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Érico da Rocha Nobre, orientador desta pesquisa e Chefe do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", com admiração e respeito, o eterno reconhecimento.

À Dra. Eva Wilson, pela inestimável colaboração prestada nas diferentes etapas da pesquisa.

Ao Convênio OSU/USAID/ESALQ, pelo apóio e ajuda financeira.

Ao Dr. Paulo Fernando Cidade de Araújo pelas valiosas críticas ao texto original e as excelentes sugestões de natureza metodológica.

Ao Dr. José Molina Filho pela grande colaboração prestada durante todo o decorrer da pesquisa.

Ao Professor Vivaldo Francisco da Cruz pela orientação na análise estatística dos dados.

A boa gente bragantina, representada pelos senhores Professor Oswaldo Russomano, Dr. Euclides de Souza Mathias, Professôra Leila Montanari Ramos, Engenheiros Agrônomos e Técnicos da Casa da Agricultura, pela proveitosa colaboração na coleta e cessão dos dados sôbre o Município.

Às colegas do Curso de Graduação em Ciências Domésticas da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" e, finalmente a todos quantos direta e indiretamente muito contribuíram para a execução desta pesquisa.

Í N D I C E

Pág.

LISTA DOS QUADROS	VI
LISTA DOS APÊNDICES	XII
CAPÍTULO I INTRODUÇÃO	1
Problema e Objetivo da Pesquisa	1
Referências Teóricas	3
Área do Estudo	5
População e Amostra do Estudo	11
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	
Conceito de Nível de Vida	16
Escala de Nível de Vida	21
CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	
Nível de Vida	30
Estrutura Fundiária e ^{Distância} Assistência da Cidade ...	32
Nível de Vida e Posse da Terra	41
Nível de Vida e Alimentação	43
Nível de Alimentação e Posse da Terra	45
Nível de Vida e Saúde	51
Nível de Vida e Comunicação	54
Nível de Vida e Educação	73

CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Resumo	82
Conclusões	84
Recomendações	86
SUMMARY	89
BIBLIOGRAFIA	95

LISTA DOS QUADROS

	Pág.
1. Distribuição das Terras da Zona Rural do Município de Bragança Paulista, segundo a Utilização. 196	10
2. Distribuições Numérica e Percentual das Propriedades Rurais do Município de Bragança Paulista, segundo sua Área em Hectares. 1968	12
3. Distribuições Numérica e Percentual das Famílias Proprietárias Rurais, do Município de Bragança Paulista, segundo sua Origem Étnica	13
4. Distribuições Numérica e Percentual dos Amostrados, segundo a Área onde Residem.....	15
5. Distribuição Percentual dos Proprietários e Não-Proprietários, segundo seu Nível de Vida	31
6. Número das Propriedades Rurais do Estado de São Paulo e do Município de Bragança Paulista, segundo as Classes de Área	33
7. Distribuição Percentual das Propriedades da Amostra, segundo a Classificação em "Grandes", "Médias" e "Pequenas"	34
8. Distribuições Numérica e Percentual das Propriedades da Amostra conforme seu Tamanho e Distância da Cidade	35

9. Frequências Observadas e Esperadas para o Tamanho da Propriedade e a Distância entre Esta e a Cidade	36
10. Número de Veículos em Tráfego, Registrados na Prefeitura de Bragança Paulista, 1968	39
11. Distribuição de Veículos Motorizados, de Tração Animal e Outros e o Tamanho da Propriedade	40
12. Frequências Observadas e Esperadas para Proprietários e Não-proprietários nos Três Níveis de Vida	42
13. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação ao Nível de Alimentação	44
14. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-proprietários, com relação ao Nível de Alimentação	45
15. Percentagens obtidas entre Nível de Alimentação e Nível de Vida, na Categoria de Proprietários	46
16. Percentagens obtidas entre Nível de Alimentação e Nível de Vida, na Categoria de Não-proprietários	47
17. Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários de Nível de Vida Alto e seus Níveis de Alimentação	48

18. Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários do Nível de Vida Médio e seus Níveis de Alimentação	49
19. Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários do Nível de Vida Baixo e seus Níveis de Alimentação	49
20. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação à Saúde (Médico)	52
21. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-proprietários, com relação à Saúde (Médico)	52
22. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação à Serviços Odontológicos	53
23. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-proprietários, com relação à Serviços Odontológicos	54
24. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Posse de Rádio entre os Proprietários nos Três Níveis de Vida	56
25. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Posse de Rádio entre os Não-proprietários nos Três Níveis de Vida	57

26. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Categoria de Proprietários que Assistem à Programas Radiofônico, Tipicamente Urbano, nos Três Níveis de Vida	58
27. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Categoria de Não-proprietários que Assistem à Programas Radiofônico Tipicamente Urbano, nos Três Níveis de Vida	59
28. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários que Assistem à Programas "Caipira" nos Três Níveis de Vida	60
29. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários que assistem à Programas "Caipira" nos Três Níveis de Vida	60
30. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para os Proprietários à Audiência a Programas "Diversos" nos Três Níveis de Vida	62
31. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para os Não-proprietários à Audiência à Programas "Diversos" nos Três Níveis de Vida	62
32. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) de Assistentes a Programas de Televisão entre os Proprietários, nos Três Níveis de Vida	64

33. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) de Assistentes a Programas de Televisão entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida 64
34. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Silvio Santos", entre Proprietários..... 65
35. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Silvio Santos" entre os Não-proprietários 66
36. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Diversos" 66
37. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Diversos" 67
38. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários, nos Três Níveis de Vida com Relação à Leitura de Revistas 69
39. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida com relação à Leitura de Revistas 70

40. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre Proprietários, nos Três Níveis de Vida, com relação à Leitura de Jornais	71
41. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida, com relação à Leitura de Jornais	72
42. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) de Moças Alfabetizadas nos Três Níveis de Vida entre as Filhas de Proprietários	75
43. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) de Moças Alfabetizadas, nos Três Níveis de Vida entre as Filhas de Não-proprietários	76
44. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Escolaridade nos Três Níveis de Vida entre Filhas de Proprietários	77
45. Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Escolaridade e nos Três Níveis de Vida entre Filhas de Não-proprietários	78

LISTA DE APÊNDICES

Pág.

I. Figura 1 - Mapa do Estado de São Paulo localizando a Área Estudada e Algumas Regiões do Grande Complexo Industrial Paulista	101
II. Figura 2 - Mapa do Município de Bragan ça Paulista indicando os Bairros onde foram localizadas as famílias entre- vistadas	102

C A P Í T U L O I
INTRODUÇÃO

Problema e Objetivo da Pesquisa

O fato de maior importância no quadro da economia nacional no Brasil, nesta última trintena, consiste, por certo, no extraordinário incremento do seu processo de industrialização. Vem verificando-se, nesta fase, o crescimento dos antigos ramos - manufatureiros, a instalação dos chamados "setores modernos" e, conseqüentemente, uma notável diversificação dos artigos industriais. Obviamente, as regiões em que está ocorrendo esse processo - sudeste e sul do País - já passaram, em decorrência, por relevantes mudanças econômicas, sociais e culturais, cujos efeitos estariam começando a atingir, progressivamente, as partes sub-desenvolvidas do território nacional.

O problema que inspirou esta pesquisa liga-se a um dos aspectos da mudança ocorrente, observado na própria área em que se situa o foco da expansão industrial, ou seja, o Estado de São Paulo. Deriva-se dele de situações criadas pelo impacto daquela expansão sobre a vasta zona rural diretamente vinculada - ao grande complexo industrial paulista. Aí, também, constata-se um expressivo incremento da produção, não só em termos de volume físico, como de diversificação dos gêneros, assinalando a passagem da monocultura para a policultura. Certamente, antes, no quadro dominado pela cafeicultura, explorada com vistas à exportação para mercados externos, estavam presentes a pecuária e as culturas temporárias destinadas a suprir o mercado interno. Estas, porém, só alcançaram destacado relêvo

no painél da economia agrária, estimuladas pelos processos -- concomitantes da industrialização e da urbanização. Tais processos, preponderantemente o primeiro, ao sofrerem, por sua vez, efeitos de retôrno, foram estimulados, também, pelo aumento da capacidade aquisitiva do mercado rural. Dessa interação resultou uma estrutura econômica regional altamente integrada.

Certamente a influência da economia urbana sôbre a rural não tem afetado apenas a estrutura agrária, as técnicas de exploração da terra, o beneficiamento ou industrialização das matérias primas, dos gêneros alimentícios e sua comercialização. A paisagem humana campestre, modifica-se, simultaneamente, com a paisagem humana citadina. Os eixos de circulação de pessoas e riquezas, os meios de comunicação de massas e a rêde escolar levam à zona rural novos bens materiais e espirituais. O campo vai sendo envolvido no processo de modernização tecnológica, social e cultural, que se irradia dos centros urbanos. O avanço dêsse processo tem levantado problemas aos cientistas sociais, tanto ao nível da teoria e da pesquisa, quanto ao nível da aplicação de conhecimentos. Dentre êles, escolhemos o que se refere a diferenças de situações e a atitudes dos rurícolas, quanto a componentes primários da cultura urbana em difusão. Propusemo-nos a investigar se há diversidade de respostas a certos estímulos e, em caso afirmativo, quais seus liames com certas condições, tais como organização humana do espaço, persistências culturais, orientação para inovações e es

tratificação econômico-social. Certamente, êste objetivo assim enunciado, em têrmos gerais, será decomposto no procedimento da investigação, seja por imperativos metodológicos e natureza do material coletado, seja pelo caráter exploratório da pesquisa.

Referências Teóricas

A presente investigação orientou-se por conceitos elaborados pela teoria da ação social ⁽¹⁾. Sem a menor pretensão de resumir a refinada formulação sistemática dada pelos autores, apresentamos as idéias que nos serviram de diretrizes.

As ações sociais, por seus motivos, podem ser orientadas afetiva ou racionalmente para fins e valôres socialmente dados aos agentes. Êstes atuam buscando "meios" racionais ou afetivos adequados aos fins e valôres que perseguem. As duas formas de conduta caracterizam duas situações diversas da vida social: (a) os comportamentos marcados pela "afetividade" tipificam as relações humanas regidas pelo valôr sagrado das tradições, ou seja, as chamadas sociedades tradicionais; (b) os comportamentos marcados pela "racionalidade" tipificam as relações humanas regidas pela adequação eficiente de "meios" e "fins", ou seja, a sociedade moderna.

(1) Max Weber, Economia y Sociedad, (México 1944), cap. I.

Em um e outro casos, trata-se, realmente, de destacar a característica essencial das relações sociais, havendo grande variação dos predicados secundários quando se observam as múltiplas sociedades concretas. De outra parte, a característica afetiva do comportamento de uma sociedade não significa que nela estejam ausentes componentes racionais, da mesma forma que ações afetivas não estão ausentes nas sociedades racionais como predicados inerentes ao comportamento humano. Contudo, a tipificação anterior constitui a diretriz para se distinguir entre o tradicional e o moderno. O primeiro tende à preservação e o segundo à inovação.

Esses conceitos e essa tipologia têm sido utilizados produtivamente como orientadores da investigação, qualquer que seja a comunidade ou a conduta selecionadas pelo investigador. Dêles nos servimos em nosso caso, como referência geral, pois, estamos considerando fatos relativos à mudança de situações tradicionais por situações modernas de vida social. Em tais situações, podem encontrar-se condutas tendentes a um dos polos culturais ou balanceadas entre ambos, conforme variem as possibilidades de um e outro tipos de ação.

Tais possibilidades estão condicionadas pela situação dos indivíduos, que por ela se orientam na seleção de fins, valores e meios de ação. Numa sociedade em mudança, como é, no caso, a sociedade rural paulista, as situações podem oferecer alternativas de orientação da ação, mas dentro de limites estabeleci

dos pelos meios materiais e culturais disponíveis. Daí devermos considerar, nos casos concretos, a diversidade situacional dos agentes relacionada com os tipos e a intensidade de respostas manifestas aos estímulos irradiados pelo processo de industrialização.

As situações, neste estudo, serão definidas pela apropriação de bens e nível de vida expressando a estratificação social. As alternativas de conduta, possibilitadas aos agentes em cada tipo de situação, serão examinadas com referência a certo número de itens materiais e culturais que constam de nosso inquérito.

Área de Estudo.

Nosso estudo, liga-se a um dos aspectos da mudança econômico-social, ocasionada pela indução da economia urbana sobre a rural. Os efeitos desse processo são mais expressivos quando se observa uma área que apresenta as seguintes características primárias:

1. substituição da monocultura por uma expressiva diversificação das atividades agrícolas;
2. alteração da estrutura fundiária pelo progressivo parcelamento de antigas grandes propriedades;
3. proximidade de um centro que apresente re-

lativo crescimento urbano-industrial;

4. inclusão na área de um complexo industrial, por sua posição geográfica e intensidade de circulação de bens e pessoas.

Dentre os municípios vizinhos da Capital do Estado de São Paulo, Bragança Paulista é talvez o que apresenta tais características de forma mais expressiva ⁽²⁾. Incluída na zona de povoamento antigo e da cafeicultura, passou por grande transformação, nesta última trintena, como se pode inferir dos dados que seguem.

A cidade de Bragança Paulista situa-se ligeiramente a NNE da Capital do Estado, da qual dista 70 km., em linha reta.

O Município de que é sede conta com 770 km² e está localizado na região montanhosa dos primeiros contrafortes da Mantiqueira. É rico em águas e em seu solo se distinguem o Podzolítico Vermelho Amarelo-Orto, o Latossol Vermelho Amarelo-Orto (Maspapé) e os solos Hidromórficos (Várzeas) ⁽³⁾.

São seus Municípios limítrofes Santa Rita da Extrema, na divisa com Minas Gerais, Joanópolis, Piracaia, Atibaia, Jarinú, Itatiba, Amparo, Monte Alegre do Sul, Pinhalzinho e Pedra Bela.

(2) Vide APENDICE I.

(3) Dados extraídos de uma ampla exposição feita pelo Prof. Dr. José L.I. Demattê, do Departamento de Solos ESALQ/USP.

Na divisão do Estado, segundo as fases de ocupação do território, Bragança Paulista se encontra na zona de antigo povoamento, tendo sido fundada em 1.763; elevada à Vila em 1.797 e à Cidade em 1.856.

À sua primitiva população local juntou-se grande contingente de alienígenas, principalmente, antes da Primeira Guerra Mundial. (4)

Em 1.940, sua população era de 52.773 habitantes dos quais 73,29% localizados na zona rural; em 1960, o número de habitantes subiu para 69.152, tendo, caído a 57,41% o contingente rural. Em 1.970 a população é de 63.415 habitantes, com uma percentagem de 35,24% na zona rural. (5)

Este aumento relativo da população urbana acompanhou o verificado no Estado, que foi, no período de 1940 a 1960 de 44,12% para 62,81%. (6)

O desenvolvimento da urbanização ocorrente na sede municipal, já indicado pelos dados demográficos acima, é ainda assinalado por outros elementos.

(4) José Francisco de Camargo, em Crescimento da População no Est. de São Paulo e seus Aspectos Economicos: Ensaio sobre as Relações entre a Demografia e a Economia, vol. II, São Paulo: 1952. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras USP.

(5) Dados extraídos da "Fôlha de São Paulo", em 8-11-1970, Resultados do Censo em Todo o Estado.

(6) IBGE, Censos Demográficos de 1940, 1950 e 1960.

A energia elétrica é atualmente fornecida pela Usina local e pela CHERP, tendo o número de ligações subido de 4.900, em 1.952, a 8.450, em 1968; excluída destes números a extensão da rede pela zona rural. O número de prédios servidos de água fluoretada subiu, no mesmo período, de 3.750 para 8.100; e o serviço de esgotos, de 3.920 a 6.980. A rede telefônica, urbana e rural, que contava 640 ligações em 1.952, passou a contar 1.403, em 1969. Os serviços dessa rede já estão sendo automatizados. Além dos jornais recebidos, diariamente, da Capital, editam-se três bissemanários locais; uns e outros alcançando domicílios rurais. A região capta transmissões de Rádio e Televisão da Capital, além dos programas irradiados pela emissora radiofônica local.

Acham-se instaladas no Município 126 unidades escolares primárias das quais 93 na zona rural. Na cidade há 4 Ginásios, 2 Colégios Comerciais, 1 Ginásio Industrial, 2 Escolas Normais, 2 Escolas Superiores e 4 Bibliotecas Públicas. Em 1.969, a população escolar do Município era de 10.400 alunos.

A Rodovia Fernão Dias (São Paulo - Belo-Horizonte) corta o Município, e a cidade a ela se liga por 2 variantes. O tráfego diário para São Paulo, de transportes coletivos, mantém viagens, das 6 às 22 horas, com veículos partindo das 2 cidades, simultaneamente, de meia em meia hora; sendo o percurso feito em 90 minutos. A circulação de caminhões e carros particulares já tornou o tráfego nessa rodovia tão pesado a ponto de

se estar exigindo a duplicação da pista. Outras rodovias cortam o município na direção das cidades vizinhas, passando por seus bairros rurais e, também, nélas é expressivo o tráfego de veículos coletivos e particulares.

A cidade ainda conta os seguintes estabelecimentos e serviços: Comércio - 339; Indústria - 206; Bancos - 9; Cooperativas - 7; Saúde - 6; Agências de Serviços Diversos Assistenciais, Agrícolas, Educacionais, Rodoviários - 12.

Destacamos que, embora a maioria dos estabelecimentos industriais seja artesanal e de pequeno porte, êsse setor da economia já tem alguns vínculos com o complexo industrial do Grande São Paulo, produzindo, além de tecidos, várias espécies de máquinas e instrumentos. A exportação de alguns de seus produtos alcança diversos pontos do território nacional e mesmo do exterior. Citaremos os principais: granito preto, máquinas de beneficiar café, milho, arroz; voltímetros e amperímetros (êstes exportados, também, para Alemanha, Inglaterra e Suíça e as máquinas para Moçambique e Angola), leite em pó, derivados do leite, frigoríficos, etc. (7)

Com referência às Associações destacam-se 6 grêmios recreativos e 1 Cultural, 2 Sindicatos, 10 Associações Profissionais

(7) Dados extraídos de monografias de alunas da Prof^a Leila Montanari Ramos, do Curso de Sociologia do Instituto de Educação "Casper Libero" (Curso Normal) de Bragança Paulista, 1967.

ou de Classe, incluindo-se entre elas a dos Agricultores.

Além das atividades econômicas citadas, as mais relevantes encontram-se no setor da agricultura, pecuária e avicultura.

As terras do Município (zona rural) estão assim distribuídas, segundo o tipo de utilização:

Quadro 1 - Distribuição das Terras da Zona Rural do Município de Bragança Paulista, Segundo a Utilização. 1967

Utilização das terras	Area (Hectare)	% do total
Culturas	24.280	27,7
Pastos	33.050	37,8
Florestas	15.205	17,3
Inaproveitáveis	859	1,0
Inaproveitadas	578	0,7
Benfeitorias	1.137	1,3
Terras cedidas a colonos	3.330	3,8
Terras dadas em arrendamento	9.063	10,4
TOTAL	87.502	100,0

Fonte: Casa da Agricultura de Bragança Paulista.

O Município, antigamente incluído na grande área cafeeicultora do Estado é atualmente policultor; sendo seus principais produtos batata-inglesa e cebola, além do café remanescente em

400 propriedades. Segundo as estatísticas, a zona bragantina é responsável por 20% da produção de batata do Estado. Em quase tôdas as propriedades cultivam-se milho, cebola e batata.

A pecuária inclui principalmente as criações de bovinos e suínos. O gado bovino destina-se mais à produção de leite que a engorda para a revenda.

Vem crescendo expressivamente a avicultura, destacando-se nesse setor o plantel de perus (6º do Estado, em 1962) e uma grande avícola modelo com centro de pesquisa e reprodução.

População e Amostra do Estudo

A população a que se reporta êste estudo compõe-se de habitantes da zona rural do Município de Bragança Paulista. Segundo o Cadastro de Propriedades Rurais da Municipalidade, em 1968, a área contava 1.972 estabelecimentos agrícolas, que serviram de base para a extração sistemática da amostra analisada.

Assim sendo, consideramos necessário obter informações relativas ao nosso objetivo, não apenas entre as 1.517 famílias proprietárias, mas, também, entre outras residentes naquelas propriedades. Assim, a população objeto do estudo, inclui as duas categorias: proprietários e não-proprietários de terra. Uma e outras se localizam em propriedades de diferentes tamanhos,

como mostra o Quadro 2.

Quadro 2 - Distribuições Numérica e Percentual das Propriedades Rurais do Município de Bragança Paulista, segundo sua Área em Hectares (1968).

Classes de Área (*) (Ha)	Nº de Propriedades	Percentagem de Propriedades
0,1 - 3,0	525	26,6
3,1 - 10,0	619	31,4
10,1 - 30,0	449	22,8
30,1 - 100,0	247	12,5
100,1 - 300,0	89	4,5
300,1 - 1000,0	43	2,2
TOTAL	1.972	100,0

(*) Fonte: Agricultura em S. Paulo, Ano XIV, N^{os}. 5 e 6, pp. 30 e 31.

Inicialmente, julgamos conveniente averiguar qual a distribuição das famílias segundo a origem étnica, a fim de ver se diferenças culturais exigiriam maior estratificação da amostra. Como obtivemos tal informação apenas para as famílias proprietárias, elas não seriam significativas devido à presença de famílias não-proprietárias na amostra. Ademais, essa informação parcial foi obtida através dos sobrenomes constantes do

Cadastro Municipal, o que não nos permitiu distinguir entre o imigrante e seus descendentes. Para essas famílias os dados são os apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Distribuições Numérica e Percentual das Famílias Proprietárias Rurais, do Município de Bragança Paulista, segundo sua Origem Étnica.

Origem Étnica	Número de Famílias	Porcentagem de Famílias
Brasileira	1.033	68,1
Italiana	322	21,2
Espanhola	112	7,4
Japonesa	40	2,6
Síria e outras	10	0,7
TOTAL	1.517	100,0

Desses resultados pode-se inferir que a estratificação dessas famílias segundo as etnias, também, seria inviável. A quase totalidade das famílias se constitui de brasileiros (68,1%) ou de membros oriundos das correntes imigratórias mais antigas, cujos descendentes já passaram por um processo de aculturação relativamente longo, contando o grupo de imigração mais recente com apenas 2,6%.

Extraímos nossa amostra da forma que segue:

Dado que, cada família rural conta, em média, 6 membros, conforme se estima correntemente (8), os 39.700 rurícolas arrolados no Censo de 1960, deveriam compor 6.600 unidades domésticas. A taxa de 5% d'êste último número deu-nos 330 unidades a serem investigadas. Destas, por sua vêz, atribuímos partes iguais aos proprietários e não-proprietários, uma vêz que a falta de um arrolamento nominal dos últimos não nos permitia um sorteio sistemático de sua amostra, como fizemos com os proprietários. As famílias de não-proprietários foram selecionadas segundo seu número dentro de cada propriedade da amostra. (De cada três famílias sorteou-se uma)

No entanto, a aplicação dos questionários forneceu-nos as informações desejáveis apenas a respeito de 276 famílias, das quais, 146 de proprietários e 130 de não-proprietários. A redução se deveu, seja ao não preenchimento de questionários -- por estarem ausentes os chefes de família, negando-se os demais membros a fornecer informações; seja à eliminação de muitos formulários diante da insuficiência de itens respondidos, que os tornaram imprestáveis para as comparações programadas. Êsses motivos pesaram muito mais sôbre a redução da amostra de não-proprietários do que de proprietários.

(8) - Confrontem-se: 1) Moema de Souza Rodriguez, Roberto Mendes Simionato e Eva Wilson, - Condições de Vida das Famílias do Município de Socorro, (S. Paulo, 1966). 2) Primera encuesta Nacional de Ingresos y Gastos Familiares en Venezuela - Proyecto de Estudio sobre Ingresos y Gastos Familiares en El Medio Rural de Venezuela - (1965) - 2ª edição; 3) Salomão Schattan. "Condições de vida no meio rural do Município de Tietê". Agricultura em S. Paulo. Ano XV - (5/6) - (maio-junho 1968).

A distribuição dos elementos amostrais, segundo a área onde residem, pode ser contemplada no Quadro 4 (Distribuições Numérica e Percentual dos Amostrados, segundo a área onde residem)

Classe de área (em hectares)	Categoria				TOTAL
	Proprietários	%	Não-Proprietários	%	
0,1 - 3,0	34	23,3	5	3,9	39
3,1 - 10,0	48	32,9	16	12,3	64
10,1 - 30,0	32	21,9	9	6,9	41
30,1 - 100,0	20	17,3	21	16,2	41
100,1 - 300,0	10	6,8	12	9,2	22
300,1 - 1000,0	2	1,4	67	51,5	69
TOTAL	146	100,0	130	100,0	276

Apesar disso, julgamos a amostra válida, já por ser pouco expressiva sua redução (de 1,0%), já porque o número de questionários está muito acima do número que Tompkin indica como bom para uma população de mais de 5.000 pessoas: "um por cento mais 50". (9)

A amostra incluiu famílias residentes em 17 bairros, distribuindo-se com apreciável uniformidade por todo o território do Município, conforme se vê no Apêndice II.

(9) J. Robert Tompkin, "Estatística e Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais Rurais", (Piracicaba, 1967) p. 55

C A P Í T U L O I I
M E T O D O L O G I A

O objetivo d'êste estudo requer uma metodologia que permita a apreensão da variabilidade de situações sócio-econômicas e as respostas efetivas correspondentes a estímulos culturais. Isto em vista, adotamos como primeiro procedimento a elaboração de uma escala segundo padrões de nível de vida para a amostra em exame, que é admitidamente representativa da população.

Particularmente, essa escala constitui um fato que se segue, em grau de generalidade, ao impacto da economia urbana e à composição da estrutura agrária. De outra parte, tendo em vista os fatos culturais implícitos no objeto da pesquisa, ela representa uma variável nuclear em nossa estratégia operacional.

Daí ser necessário conceituar claramente "nível de vida", antes de se construírem as escalas através das quais sua diversificação será expressa.

Conceito de Nível de Vida

De início, anotamos a distinção geralmente aceita entre "nível de vida" e "padrão de vida".

"Nível de vida" consiste na posição relativa que o indivíduo ou o grupo ocupam numa escala de condições reais de vida. "Padrão de vida" indica o nível de vida ideal aspirado pelo indi

víduo ou grupo. (10)

Em tal distinção, nível de vida já está conceituado de modo geral, pois faz referência simplesmente a condições de vida que incluem itens materiais, sociais e culturais. Cabe, no entanto, averiguar qual a validade deste conceito amplo, tendo-se em vista sua operacionalidade na pesquisa.

Neste passo, usamos as definições apresentadas por Virginia Lattes Deik em sua "Revisão de Literatura" referente ao assunto, por considerá-las suficientes aos nossos propósitos. (11)

Os autores divergem quanto à amplitude do conceito de nível de vida. Para uns, ele inclui todos os aspectos materiais, culturais e sociais que influem sobre a vida; para outros, ele se restringe apenas à posse de bens materiais.

Dentre os mais amplos, destaca-se o enunciado de Davis, que identifica "plano ou conteúdo de vida" com "nível de vida: "é ele a realidade dinâmica vivida por um indivíduo ou grupo, -- constituída por uma complexa combinação de consumo, condições

(10) - José Molina Filho. "Condições Sociais Inadequadas na Agricultura Brasileira", (Piracicaba, 1.968) p. 4

(11) - Virginia Lattes Deik, "Nível de Vida Familiar en el Area Estanzuela", (Montevideo, Uruguai, 1.965) pp. 5
7.

de trabalho, posses, liberdades e o equilíbrio ou harmonia entre êles em relação a necessidades e desejos sentidos." (12)

Nesta proposição, à amplitude alia-se a idéia de dinâmica o que indica, de fato, um aspecto relevante do nível de vida enquanto considerado como parte da ação social do indivíduo ou grupo. Todavia, tanto êsse aspecto dinâmico quanto alguns itens que o compõem tornam difícil elaborar instrumentos que permitam estabelecer escala dos níveis de vida. Em outras palavras, não consideramos que êsse seja um conceito heurístico.

Embora, também, amplo o conceito de Sewell, excluindo o aspecto dinâmico, já permite a elaboração de instrumentos de medida, pois alinha os seguintes itens específicos para indicar a posição da família em vista dos padrões médios predominantes: posses culturais, renda efetiva, posses materiais e participação em atividades de grupo na comunidade. Assim é que a partir desses itens Collazo-Collazo construiu sua escala para o estudo do nível de vida das famílias rurais de Porto Rico (13).

Observamos que esta escala refere-se não só a aspectos da vi-

(12) - J.S. Davis, "Standards and Content of Living", The American Economic Review, 35(1): 1-13, 1945.

(13) - Collazo-Collazo, J. Rios, J.M.Ransay, Charles E, - "Development of a Level-of-Living Scale for Puerto Rican Rural Families", Puerto Rico, University Agricultural Experiment Station, Bulletin, 156, 1960.

da econômica, mas, também, social. Isto, através de itens de participação nas atividades da comunidade.

Outros têm procurado elaborar proposições mais restritas, que, sem esvasiar o conceito do seu conteúdo essencial, permitam o laborar escalas de fácil manipulação, com resultados passíveis de larga comparação. Assim, os especialistas do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas procuraram estudar a definição e a apreciação internacionais de padrões e níveis de vida, concluindo que o modo mais satisfatório para defini-los é através da medição de aspectos ou partes, claramente delimitados da situação total da vida, suscetíveis de quantificação. Campos ou áreas tais como: saúde, habitação, nutrição, condições de emprego e educação foram considerados "componentes" - dos níveis de vida, apontando-se-lhes "indicadores" estatísticos. (14)

Na relação dos itens acima três deles são especificamente econômicos, sendo que os dois outros, - saúde e educação - além de serem quantificáveis através de certos elementos concretos, ligam-se estreitamente às condições materiais de vida.

Virginia Lattes Deik, em sua pesquisa sobre o "Nível de vida

(14) Nações Unidas, International Definition and Measurement of Levels of Living; an interim guide, New York (E/C, N. 5/353), 1961.

familiar en el Area de Estanzuela" seleccionou os seguintes componentes de nível de vida (15): alimentação, habitação (incluindo determinados equipamentos), saúde, educação, trabalho, recreação, filiação a Instituições, uso de serviços, comunicações e transporte. Nesta relação, além de educação e saúde, a parecem mais dois itens não especificamente econômicos - recreação e participação social - mas a ênfase se encontra nos itens econômicos.

Consideremos que nestes conceitos de nível de vida e indicação de seus índices constitutivos o critério econômico é essencial e seus aspectos selecionados são, geralmente, os mesmos, ao passo que os aspectos sociológicos e culturais são citados de forma vaga como "posses culturais" ou variam segundo as preocupações do pesquisador.

Assim sendo, seria conveniente uniformizar os itens sócio-culturais através de uma seleção segundo seu grau de essencialidade na determinação de um nível de vida sócio-econômico; tal como foi feito com itens especificamente econômicos. Sem isto, corre-se o risco de se estreitarem ou alargarem os critérios de construção do mencionado nível, estendendo-se mais ou menos pela área sócio-cultural, do que decorreriam resultados dificilmente comparáveis.

(15) Virginia Lattes Doik, opus cit. p. 11.

Pensamos, portanto, que o conceito de nível de vida, para responder às mencionadas exigências, deve restringir-se a itens das condições de vida material.

Um conceito operacional que incluísse êsses elementos e os sócio-culturais, ainda a ser elaborado, teria um caráter conclusivo e deveria ser definido como status econômico-social.

Pelos motivos expostos, ficamos com aquêles autores que restringem o mencionado conceito à posse de bens materiais, como fazem entre nós Cordeiro, Queda e Molina F^o (16). Êsses autores definem "nível de vida" como: "a posição relativa que um indivíduo ou família ocupa quanto às posses da cultura material", ou adotam o enunciado de Collazo-Collazo, quando êste assim restringe o conceito: "nível de vida é o lado material do "status sócio-econômico" (17).

Escala de Nível de Vida

A escala de nível de vida utilizada, neste trabalho, foi elaborada segundo o paradigma construído por Cordeiro, Queda e Molina F^o, cuja lista de itens está adequada às condições de

(16) - Copérnico A. Cordeiro, O. Queda e J. Molina F^o, Estudo Piloto para Determinação de uma Escala Padrão de Nível de Vida das Famílias Rurais do Município de Piracicaba. (Piracicaba, 1965).

(17) - Copérnico A. Cordeiro, O. Queda e J. Molina F^o, opus cit. p. 4

vida rural na região bragantina do Estado de São Paulo⁽¹⁸⁾.

Resumimos o procedimento desses autores com o fim de informar sobre as bases em que repousa nossa escala. Os autores selecionaram, de uma lista de 177 ítems, os 40 ítems materiais - mais altamente correlacionados com a renda, usada como variável externa, correlação essa medida com o auxílio do coeficiente ϕ (Phi). A escala final dos ítems de nível de vida foi estabelecida usando-se o critério de atribuir o valor 1 (um) à posse do ítem e 0 (zero) para não posse do ítem por determinada família. O método não ponderado, usado para a contagem - final dos ítems, e considerado altamente preciso para determinação do nível de vida por diversos autores, foi testado positivamente por Cordeiro, Queda e Molina F^o.

Os limites para a classificação das famílias em alto, médio e baixo níveis de vida foram estabelecidos com o auxílio dos quartis nos seguintes níveis:

- 0 - 9 ítems - baixo nível de vida
- 10 a 27 " - médio nível de vida
- 28 a 40 " - alto nível de vida.

A validade do critério foi comprovada correlacionando-se a distribuição das famílias segundo a renda e os quartis, tendo-se

(18) - Copérnico A. Cordeiro e outros, opus cit. p. 4.

um resultado altamente significativo ao nível de 1% (19).

A validade da escala padrão foi testada, estabelecendo-se a correlação das distribuições segundo a renda e a posse da terra, encontrando-se um coeficiente igual a 0,96 com alta significância estatística ao nível de 1% (20).

A confiança (fidedignidade) da escala foi testada com o auxílio do teste "split-half" com o uso da fórmula de Spearman-Brown, tendo-se encontrado um coeficiente de correlação igual a 0,95, altamente significativa ao nível de 1% (21).

Através de nosso questionário obtivemos dados que compõem a referida lista de 40 itens, que a seguir alinhamos, obedecendo à mesma ordem dada pelos autores.

Í T E M S

1. Luz elétrica (um ou mais bicos de luz por cômodo)
2. Geladeira
3. Liquidificador
4. Ferro elétrico
5. Enceradeira elétrica

(19), (20) e (21) - Copérnico A. Cordeiro, A. Queda e J. Molina F^o, opus cit. p. 20.

6. Chuveiro elétrico
7. Rádio (qualquer tipo)
8. Máquina de costura de pedal ou elétrica
9. Bom estado geral da casa
10. Dispensa
11. Relação pessoa por cama (uma ou menos)
12. Jôgo de sala, estofado
13. Penteadeira
14. Cristaleira
15. Cômoda
16. Cortinas
17. Colchão de molas
18. Relógio de parede
19. Água encanada
20. Banheiro c/chuveiro ou banheira
21. W.C. com água corrente
22. Tanque de lavar roupa
23. Filtro para água
24. Escovão para encerar
25. Fogão a gás
26. Panela de pressão
27. Máquina de moer carne
28. Escorredor de macarrão
29. Fôrma para bolos
30. Saca-rôlhas
31. Panela (três ou mais)
32. Caldeirão (dois ou mais)

33. Pratos de sobremesa (seis ou mais)
34. Jôgo de jantar
35. Jôgo de chá
36. Jôgo de café
37. Faca de mesa (seis ou mais)
38. Jarra para água
39. Veículo motorizado
40. Veículo de tração animal.

Depois de aplicada a escala-padrão de nível de vida, o procedimento analítico desta pesquisa consistiu essencialmente em testar e analisar as relações existentes entre o nível de vida das famílias e outras "variáveis" relevantes: alimentação, saúde, comunicação e educação. Uma breve explicação das razões que determinaram êsse procedimento é apresentada, em cada caso, no Capítulo III. Além disso, procuramos testar e identificar as relações entre tamanho da propriedade e distância da cidade, bem como entre nível de vida e posse da terra e nível de alimentação e posse da terra. Como nos casos anteriores, - explicações mais objetivas são apresentadas no capítulo subsequente.

O teste estatístico aplicado foi sempre o de χ^2 (Qui-Quadrado) e o nível de significância escolhido foi de 5%. Tendo em vista que iremos relacionar nível de vida com outras "variáveis, êle se mostrará mais significativo se respeitarmos as diferenças indicadas pelo teste. Ademais, trabalharemos, sepa

radamente, com as famílias proprietárias e não-proprietárias, com o fim de averiguar a ocorrência ou não de outras diferenças.

C A P Í T U L O I I I
ANÁLISE DOS DADOS E IN
TERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Na sociedade agrária tradicional a aquisição de bens de consumo produzidos pela indústria era relativamente pequena quanto à quantidade e tipos embora variável ao longo do tempo e da estratificação social. Também pouco diversificada era a dieta da família rural, tendo-se sempre em conta a referida variação.

Ainda há 30 ou 40 anos, a aristocracia rural, possuía um nível de vida alto, por v^êzes altíssimo, dentro das possibilidades que lhe podiam oferecer o mercado de bens e serviços; abaixo dela, mesmo alcançando fazendeiros e sitiantes, observava-se um decréscimo do nível; e no outro extremo da escala, sitiantes pobres, colonos e agregados tinham pouco ou nenhum acesso ao mercado de bens industriais (22).

Na última fase do processo de industrialização do Estado, o volume e a diversificação da produção e os novos procedimentos de sua comercialização alargaram o mercado interno incluindo parcelas cada vez maiores da população rural.

Assim, observa-se que, de um modo geral, não só suas camadas superiores passaram a ter novos produtos à disposição, como, também, as inferiores se encontram agora atraídas pelo mercado, embora seja variável o seu grau de respostas positivas às

(22) - Antonio Cândido, Os parceiros do Rio Bonito, Rio de Janeiro, 1964.

técnicas utilizadas pela propaganda na comercialização dos produtos industriais.

A modernização da indústria nacional quanto a novos artigos e ao alto grau de sua diversificação, promove uma modernização das condições de vida material no conjunto das áreas urbanas e produz efeitos também nas zonas rurais, através do impacto daquela sobre esta.

Qual a extensão desse impacto e qual a das respostas segundo as diferentes categorias sócio-econômicas deve ser avaliada, pois uma análise comparativa permitirá melhor conhecimento da situação dos rurícolas no processo de mudança sócio-cultural.

Certamente esta situação não será avaliada em seu todo, mas através de alguns elementos suficientemente significativos.

Nos componentes da escala padrão de nível de vida entraram certos itens que indicam uma diferença de participação no mercado de bens manufaturados, como energia e luz elétrica, aparelhos eletro-domésticos e veículos motorizados.

A distribuição das famílias arroladas na amostra pela mencionada escala já indica uma diferença nas possibilidades de resposta aos estímulos promovidos pela tendência e ampliação dos mercados.

No mesmo sentido, analisaremos outros ítems, não menos significativos, em sua relação com a escala-padrão de nível de vida. São êles: alimentação, saúde, comunicação e educação.

Êsses elementos poderão revelar diferentes situações no processo da mudança de uma sociedade de tipo tradicional para uma de tipo moderno. Aliás, a inclusão da área estudada no processo de modernização econômico-social já está indicada pela diversificação e relativa mecanização de sua agricultura, assim como por aquêles ítems que serviram para o estabelecimento da escala-padrão de nível de vida.

Isto posto, as relações que serão analisadas a seguir não indicam situações consideradas em si mesmas, mas, em vista de sua significação frente ao grau de modernização da área e as possibilidades de resposta por diferentes categorias da população em estudo.

Nível de Vida

Da aplicação da escala-padrão para a determinação do nível de vida das famílias que compunham a amostra constatamos que em 44 famílias apareceram 28 a 40 ítems, situando-se essas famílias, portanto no tópo da escala; 149 famílias vêm logo abaixo com 10 a 27 ítems e ao nível inferior 83 famílias com 0 (zero) a 9 ítems. Nesse total de 276 famílias, obviamente, estão 146 proprietários e 130 não-proprietários trabalhando co-

mo arrendatários ou parceiros.

A distribuição de cada uma das mencionadas categorias pela escala de nível de vida é apresentada no Quadro 5.

Quadro 5 - Distribuição Percentual dos Proprietários e Não-Proprietários, segundo seu Nível de Vida.

Nível de Vida	Categoria		TOTAL
	Proprietário	Não-proprietário	
	%	%	
Alto	19,9	11,5	44
Médio	59,6	47,7	149
Baixo	20,5	40,8	83
TOTAL	100,0 (146)	100,0 (130)	276

Esta escala, indicadora da diversidade de situações, constitui o instrumento com o qual procuraremos relacionar os elementos referidos anteriormente para o melhor desenvolvimento do estudo.

Desde logo, devemos ressaltar a validade da escala-padrão para as condições de Bragança Paulista, pois a correlação com variáveis altamente discriminadoras do nível de vida (educa--

ção e posse da terra, por exemplo) mostrou-se significativa.

Estrutura Fundiária e Distância da Cidade

A estrutura fundiária, isto é, a distribuição das propriedades segundo seu tamanho, deve ser inicialmente caracterizada, pois, ela fornecerá os primeiros dados relevantes para o presente estudo. A relação, também, entre o tamanho das propriedades e a distância do centro urbano constitui o indicador da situação dos estratos amostrais com referência às possibilidades de integração no contexto cultural urbano.

Considerando as classificações que conhecemos sobre as propriedades rurais do Estado de S. Paulo, segundo o seu tamanho, as constantes da amostra podem situar-se nas categorias de médias e pequenas, pois nenhuma vai além de 1.000 ha.

Sua distribuição, comparada a das propriedades rurais existentes no Estado, revela que pouco discrepa desse aspecto básico da estrutura agrária de São Paulo. Discrepâncias que tais são, porém, irrelevantes por não constituírem, como o Quadro 6 mostra, uma variação singular no âmbito estadual.

Quadro 6 - Número das Propriedades Rurais do Estado de São Paulo e do Município de Bragança Paulista (*) segundo as Classes de Área.

Classes de Área (Em Hectares)	Estado de São Paulo 1960		Município de Bragança Paulista 1968	
	Nº de Propriedades	%	Nº de Propriedades	%
0,1 - 3,0	97.816	27,6	34	23,3
3,1 - 10,0	58.318	16,4	48	32,9
10,1 - 30,0	92.036	25,9	32	21,9
30,1 - 100,0	69.280	19,5	20	13,7
100,1 - 300,0	25.193	7,1	10	6,8
300,1 - 1.000,0	9.431	2,7	2	1,4
1.000,1 - 3.000,0	2.293	0,7	---	---
3.000,1 - e mais	490	0,1	---	---
TOTAL	354.857	100,0	146	100,0

(*) Propriedades constantes da Amostra.

(**) Fonte: Instituto de Economia Agrícola - São Paulo.

Embora não se contem grandes propriedades na amostra, convém distinguir as unidades desta em diferentes categorias tendo em vista os fins da presente pesquisa. Assim, denominaremos "grandes" - as propriedades de 100,1 a 1.000,0 ha.; - "médias" de 10,1 a 100,0 ha.; e - "pequenas" - de 0,1 a 10,0 ha. obtendo a distribuição percentual vista no Quadro 7.

Quadro 7 - Distribuição Percentual das Propriedades da Amostra, segundo a Classificação em "Grandes", "Médias" e "Pequenas".

Tamanho da Propriedade	%
Grandes	8,2
Médias	35,6
Pequenas	56,2
Total	100,0 (146)

Êste Quadro indica uma predominância das pequenas propriedades (56,2%) e um mínimo das grandes (8,2%), o que aliás, é óbvio, pois o total da amostra (146 propriedades rurais) se situa justamente nos níveis correspondentes às áreas de tamanhos "médio" e "pequeno" indicadas pela classificação adotada para o Estado (Quadro 6).

Admitindo a hipótese de que a distribuição, por tamanho, das

propriedades rurais está relacionada à sua respectiva distância das cidades - havendo, no caso, proporção direta entre o tamanho e afastamento - o Quadro 8, nos oferece essa distribuição para o Município de Bragança Paulista.

Quadro 8 - Distribuições Numérica e Percentual das Propriedades da Amostra conforme seu Tamanho e Distância da Cidade.

Tamanho da Propriedade	Distância da cidade					
	Menos de 9 km.		De 10 a 20 km.		Mais de 20 km.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Pequenas	24	58,6	57	55,8	1	33,3
Médias	14	34,1	36	35,3	2	66,7
Grandes	3	7,3	9	8,9	-	----
TOTAL	41	100,0	102	100,0	3	100,0

No Quadro 8 observamos que só três propriedades estão além de 20 km.; do total das "pequenas" 58,6% situam-se a menos de 9 km.; 55,8% situam-se entre 10 e 20 km., e 33,3% a mais de 20 km.

A fim de testar estatisticamente os dados acima, formulamos a seguinte hipótese:

"O tamanho da propriedade não está rela--

cionado com a distância entre esta e a cidade".

Não observamos relação significativa entre o tamanho da propriedade e a distância da cidade, logo não rejeitamos a hipótese formulada. Ver Quadro 9.

Quadro 9 - Frequências Observadas e Esperadas para o Tamanho da Propriedade e a Distância entre Esta e a Cidade.

Tamanho da Propriedade (hectare)	Distância da cidade		TOTAL
	Até 10 km.	mais de 10 km.	
0,1 - 10,0	24 (23,02)	58 (58,97)	82
10,1 - 100,0	14 (14,60)	38 (37,39)	52
mais de 100,1	3 (3,36)	9 (8,63)	12
Total	41	105	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 0,14$$

$$(g.l. = 2)$$

Pode-se, no entanto, conjecturar que a ausência da mencionada relação se deve ao fato de serem o tamanho das maiores proprie

dades e as maiores distâncias anotadas na amostra, inferiores àqueles requeridos para uma relação positiva, (grandes propriedades, segundo a classificação maiores de 1.000,0 ha. e distâncias bem superiores a 20 km.) Mas no Município de Bragança Paulista isto não ocorre, devido a um progressivo parcelamento das antigas grandes propriedades e sucessivo desmembramento do território Municipal. (23)

Alinhamos os principais fatores que, no Município em estudo, têm determinado o parcelamento da propriedade rural e o encurtamento das distâncias.

(23)- Em 1.960 conforme o Censo Demográfico, IBGE, a área do Município de Bragança Paulista era de 1.062 km²; entretanto a Lei nº 8.092 de 28-2-1964, dispendo sobre o Quadro Territorial, Administrativo e Judiciário do Estado de São Paulo, transformou 3 Distritos em novos Municípios (Pedra Bela, Pinhalzinho e Vargem) reduzindo assim a área do Município, em estudo, para 615 km². O Decreto-Lei nº 225, de 17 de abril de 1970 torna sem efeito a criação do Município de Vargem e reintegra o respectivo território no Município de Bragança Paulista ficando .- dessa forma sua área com 770 km².

1. Divisões por herança;
2. Alargamento do sítio urbano acompanhado de uma redução do território municipal por desmembramento de seus distritos, o que torna mais próximo da cidade o limite extremo do município;
3. Rodovias reduzindo as distâncias, em termos de tempo e percurso até o centro urbano;
4. Substituição da monocultura cafeeira pela policultura e da agricultura extensiva pela intensiva, devido às exigências do grande mercado consumidor, que é a Capital do Estado;
5. Valorização das terras levando ao seu loteamento, mesmo a mais de 10 km de distância da cidade. (24)

Esses fatores já indicam que a área foi afetada pelos efeitos do processo de urbanização e industrialização ocorrente na Região do Grande São Paulo. A tais indicadores dêsse fato acrescentamos, desde já, os seguintes: distribuição da população, quantidade de veículos motorizados, rede de fornecimento de luz e força e rede escolar.

Desde a II Guerra Mundial verificou-se uma inversão nas pro-

(24) - Sabemos, por informações e observações, que essa valorização e conseqüente loteamento se acham em pleno processo, principalmente ao longo da Rodovia Fernão Dias.

porções dos respectivos contingentes urbano e rural na população do Município, tendo passado a urbana de 26,77%, em 1.940, a 42,59% em 1.960, e a rural, de 73,23%, em 1.940, a 57,41%, em 1960. Os dados do Censo de 1.970, já publicados, mostram que há no Município, 63.415 habitantes dos quais 64,76% localizados na zoana urbana. (25)

As estradas asfaltadas cortam, atualmente, o Município em diversas direções, para São Paulo e outras localidades, sendo que a Fernão Dias é um eixo importantíssimo que suporta um tráfego intenso entre o núcleo do complexo industrial paulista e o quadrilátero siderúrgico mineiro.

Quanto aos veículos no Município, dispomos dos seguintes dados, que indicam absoluta predominância dos veículos motorizados sobre os de tração animal.

Quadro 10 - Número de Veículos em Tráfego Registrados na Prefeitura de Bragança Paulista (1968)

Veículos	ANO				
	1.952	1.960	1.964	1.966	1.968
Automóveis de passageiros	397	453	931	1.105	1.462
Auto-caminhões	580	372	624	696	898
Auto-ônibus	45	42	65	62	75
Motocicletas	25	--	--	--	--
Bicicletas	377	--	--	--	--
Tração animal	1.780	80	318	683	284

Fonte: Prefeitura Municipal de Bragança Paulista.

(25) Dados publicados na "Fôlha de São Paulo" (8-11-1970)

Na amostra contamos com 123 veículos motorizados (automóveis e caminhões), 91 de tração animal (carroça e charrete), aos quais se somam 41 montarias e 20 bicicletas.

Conforme se observa no Quadro 11, o número de veículos, em geral, tem uma distribuição relativamente uniforme pelas classes de propriedades, o que indica a tendência ao seu uso, particularmente, do motorizado.

Quadro 11 - Distribuição de Veículos Motorizados, de Tração Animal e Outros e o Tamanho da Propriedade.

Tamanho da Propriedade (Hectare)	Motorizados			Tração Animal		Montaria	Propriedades Nº
	Jeep	Caminhão	Automóvel	Carroça	Charrete	Cavalo	
0,1- 10,0	23	20	17	20	21	20	82
10,1-100,0	18	17	13	12	31	18	52
mais de 100,1	3	4	7	3	4	3	12
Total	44	41	37	35	56	41	146

O serviço de transporte coletivo no Município abrange todas as propriedades da amostra, com exceção de 9 que não são servidas de linhas de ônibus.

Os resultados indicam que a rede de fornecimento de luz e força já alcança a zona rural, pois das 146 propriedades da amostra

tra 51,4% contam seu benefício. Assinalamos que o uso de energia elétrica não se restringe ao funcionamento de aparelhos eletro-domésticos, mas já está estendendo-se às atividades agrícolas, nas granjas e à movimentação de bombas de recalque e máquinas.

A rede escolar rural conta 93 escolas estaduais e uma municipal tornando por isso, pequena a distância entre elas e as habitações. Assim, 101 propriedades distam menos de 2 km da escola e as restantes 45, de 2 a 5 km.

Conjugando-se os fatores acima mencionados com o grau de difusão da cultura urbana, expressa pelos indicadores apresentados, seria pertinente levantar e testar a seguinte hipótese: a relação entre o tamanho da propriedade e a distância do centro urbano não ocorre em área, como neste caso, afetada diretamente pelos efeitos da urbanização e industrialização.

Quando a influência da economia urbana alcança áreas agrícolas, seja incentivando a policultura intensiva e o uso de máquinas, seja estendendo-lhes melhoramentos diversos, modifica-se, basicamente, a antiga estrutura fundiária pela redução do tamanho das propriedades independentemente de sua distância do centro urbano próximo.

Nível de Vida e Posse da Terra

Como a posse da terra constitui um fator de estratificação so-

cial, julgamos conveniente averiguar qual sua relação com o nível de vida, formulando a seguinte hipótese:

"O nível de vida independe da posse da terra."

Rejeitamos a hipótese indicada e, com uma probabilidade maior que 95%, dizemos que a posse da terra está relacionada com o nível de vida. Apesar dessa evidência global encontramos 77 famílias de não-proprietários, cujos níveis de vida - alto e médio - são superiores ao de 30 famílias de proprietários. Ver Quadro 12.

Quadro 12 - Frequências Observadas e Esperadas para Proprietários e Não-proprietários nos Três Níveis de Vida.

Nível de Vida	Categoria		TOTAL
	Proprietário	Não-proprietário	
Alto	29 (23,27)	15 (20,72)	44
Médio	87 (78,81)	62 (70,18)	149
Baixo	30 (43,90)	53 (39,09)	83
TOTAL	146	130	276

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 14,14$$

$$(g.l. = 2)$$

Nível de Vida e Alimentação

Os dados obtidos através dos questionários permitiram selecionar dois indicadores, mais expressivos - proteínas e vitaminas - através dos quais as famílias se classificaram em três diferentes níveis, referentes à alimentação. Foram deixados de lado - os indicadores carboidratos e gorduras. É que eles aparecem - em todos os níveis, embora com variação de suas fontes.

No nível mais alto encontram-se famílias em cuja dieta entram com maior frequência, proteínas (carnes, ovos e leite) e vitaminas (frutas e verduras). A seguir estão as famílias em que os citados elementos aparecem em menor escala e com menos uso de carne, leite e hortaliças. No nível mais baixo situam-se as famílias em cuja alimentação aqueles elementos quase não aparecem, reduzindo-se a fonte de proteínas a ovos e a de vitaminas a frutas, esporadicamente consumidas, consistindo a dieta quase que inteiramente de carboidratos e gorduras.

Demos a êsses níveis de alimentação as seguintes siglas:

- nível alto: "A"
- nível médio: "B"
- nível baixo: "C"

Já a distinção dos níveis de vida conduz à colocação da hipótese de que deve haver uma relação entre eles e os níveis de alimentação.

Para verificar se existem diferenças significativas entre as duas variáveis para as duas categorias anteriormente mencionadas: proprietários de terra e não-proprietários de terra, aplicou-se o χ^2 (Qui-Quadrado) testando a seguinte hipótese:

"O Nível de Alimentação independe do Nível de Vida das Famílias."

Essa hipótese foi rejeitada visto que em cada uma das categorias é significativa a relação entre as duas variáveis; ou, em outros termos: as famílias que contam com maior número de componentes materiais da escala de nível de vida, quase todos bons duráveis apresentam melhor padrão alimentar, oferecendo uma conexão de dois elementos para uma caracterização mais larga das classes de famílias. Ver Quadros 13 e 14.

Quadro 13 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação ao Nível de Alimentação.

Nível de Alimentação	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
A	27 (14,10)	93,1	44 (42,30)	50,6	0 (14,58)	0,0	71
B	2 (7,15)	6,9	30 (21,45)	34,5	4 (7,39)	13,3	36
C	0 (7,74)	0,0	13 (23,23)	14,9	26 (8,01)	86,7	39
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas
 $\chi^2 = 37,75$ (g.l. = 4)

Quadro 14 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-Proprietários, com relação ao Nível de Alimentação.

Nível de Alimentação	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
A	14 (6,58)	93,3	40 (27,18)	64,6	3 (23,23)	5,7	57
B	1 (2,30)	6,7	11 (9,54)	17,7	8 (8,15)	15,1	20
C	0 (6,12)	0,0	11 (25,27)	17,7	42 (21,61)	79,2	53
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas

$$\chi^2 = 66,43$$

$$(g.l. = 4)$$

Nível de Alimentação e Posse da Terra

Um estudo piloto sôbre o consumo alimentar em uma área rural paulista revelou uma relação entre a quantidade média de alimento "per capita" e a propriedade da terra (26). Aquela quantidade, medida por diferentes indicadores, é sempre maior para os proprietários, seguida de perto pelos arrendatários e bem baixa para os diaristas.

(26) Salomão Schattan - "Consumo Alimentar da Zona Rural - Levantamento Piloto" - Agricultura em São Paulo (S. Paulo, julho, 1968) pp. 13-23.

Já outra pesquisa realizada com amostra de outra zona rural -- paulista revela que entre "as famílias de alto nível de vida os proprietários não chegam a gastar 30% em alimentação, enquanto que os não-proprietários gastam 55% de suas rendas familiares em alimentação. As famílias de nível médio assalariado chegam a gastar 85% de suas rendas e nas de nível baixo, 92%".⁽²⁷⁾

Obviamente, o autor não quer com isto dizer, nem di-lo, que as famílias de baixo nível de vida tenham melhor alimentação pelo fato de gastarem com ela uma taxa do orçamento doméstico (92%) superior à dos não proprietários (55%) e dos proprietários -- (30%) de alto nível de vida.

Nossos dados, por sua vez, não revelam relação entre as duas citadas variáveis (nível de alimentação e posse da terra) como se pode ver nos Quadros 15 e 16.

Quadro 15 - Percentagens Obtidas entre Nível de Alimentação e Nível de Vida, na Categoria de Proprietários

Nível de Alimentação	Nível de Vida		
	Alto %	Médio %	Baixo %
A	93,1	50,6	0,0
B	6,9	34,5	13,3
C	0,0	14,9	86,7
TOTAL	100,0 (29)	100,0 (87)	100,0 (30)

(27) J. P. Molina Filho. Opus cit. p. 12

Quadro 16 - Percentagens Obtidas entre Nível de Alimentação e Nível de Vida, na Categoria de Não-Proprietários.

Nível de Alimentação	Nível de Vida		
	Alto %	Médio %	Baixo %
A	93,3	64,6	5,7
B	6,7	17,7	15,1
C	0,0	17,7	79,2
TOTAL	100,0 (15)	100,0 (62)	100,0 (53)

Os resultados indicam que proprietários e não-proprietários de nível de vida alto se apresentam equivalentes quanto ao nível de alimentação. Já entre os de nível de vida médio, os não-proprietários apresentam maior taxa que os proprietários, quanto ao nível alimentar mais alto, e estes últimos apresentam maior percentual que os primeiros quanto ao nível alimentar médio equiparando-se ambos ao nível mais baixo. De outro lado, entre os de nível de vida inferior, os não-proprietários aparecem com 6% e os proprietários com 0% no nível de alimentação mais alto, e no mais baixo estes últimos aparecem com um percentual maior que os primeiros.

Para melhor comprovar essas discrepâncias podemos, ainda, formular a seguinte hipótese:

"Não há relação entre Nível de Alimentação e Posse da Terra."

Não rejeitamos a hipótese de não relação entre posse da terra e nível de alimentação nos três níveis de vida, em virtude dos resultados obtidos. Ver Quadros 17, 18 e 19.

Quadro 17 - Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários do Nível de Vida Alto; e seus Níveis de Alimentação.

CATEGORIAS	Nível de Alimentação			TOTAL
	A	B	C	
Proprietários	27 (27,02)	2 (1,98)	0 -	29
Não Proprietários	14 (13,97)	1 (1,02)	0 -	15
TOTAL	41	3	0	44

Os números entre-parenteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 0,00$$

$$(g.l. = 1)$$

Quadro 18 - Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários do Nível de Vida Médio e seus Níveis de Alimentação.

CATEGORIAS	Nível de Alimentação			TOTAL
	A	B	C	
Proprietários	44 (49,0)	30 (23,94)	13 (14,01)	87
Não Proprietários	40 (34,95)	11 (17,06)	11 (9,99)	62
TOTAL	84	41	24	149

Os números entre-parenteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 3,70$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 19 - Frequências Observadas e Esperadas entre Proprietários e Não-proprietários do Nível de Vida Baixo e seus Níveis de Alimentação

CATEGORIAS	Nível de Alimentação			TOTAL
	A	B	C	
Proprietários	0 (1,08)	4 (4,34)	26 (24,57)	30
Não Proprietários	3 (1,91)	8 (7,66)	42 (43,42)	53
TOTAL	3	12	68	83

Os números entre-parenteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 1,80$$

$$(g.l. = 2)$$

Confirmada a discrepância, julgamos ocorrer na amostra a presença de proprietários que exploram insuficientemente suas terras ou persistem em dietas alimentares da antiga população rústica, assim como a de não-proprietários que auferem rendas e adotam dietas suficientes para serem classificados em nível superior ou médio quanto à alimentação. Se assim fôr, a possibilidade de resposta positiva, quanto aos estímulos para a melhoria de alimentação, relaciona-se com uma estratificação segundo a renda e o grau de participação em determinados hábitos alimentares.

Por exemplo, os não-proprietários (arrendatários e meeiros) - quando auferindo boa renda, podem apresentar níveis alimentares médios e altos; e quando têm renda baixa (diaristas) consomem pouca quantidade de alimento "per capita", embora isto, absorva quase todo o orçamento familiar restando-lhes, ao contrário dos demais, ínfima margem para responder a estímulos do mercado de bens e de novos padrões de comportamento.

Contudo, se quisermos ir além dessas indicações gerais podemos considerar que a posse da terra só é um fator essencial tendo em vista a renda que propicia e, portanto, é a renda que deveria ser objetivamente considerada na determinação do nível alimentar. (28)

(28) Isto é consistente com a constatação de Molina, em "Condições Sociais inadequadas na Agricultura Brasileira", opus cit. pp. 10-12.

Nível de Vida e Saúde

A renda dos indivíduos, expressa em sua posição na escala padrão de nível de vida, influi diretamente, tal como na alimentação sôbre a capacidade de se beneficiar dos serviços de saúde.

Assim, quanto ao recurso de serviços médicos, as informações indicam que t^oda a população da amostra d^ele se utiliza, sendo que as famílias das classes mais altas t^{em} mais facilidades de procurar resolver seus problemas de saúde por meio de assistência médica. Então, pode-se formular a seguinte hipótese:

"A percentagem de famílias que se utilizam dos serviços médicos é a mesma nos três níveis de vida."

Pode-se rejeitar a hipótese formulada e afirmar com probabilidade maior que 95% que existem diferenças quanto à utilização dos serviços médicos entre os três níveis de vida. À vista das percentagens, podemos afirmar que as classes de nível de vida mais alta procuram o médico com mais assiduidade que as demais classes. Ver quadros 20 e 21.

Quadro 20 - Frequências Observadas e Esperadas (e porcentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação à Saúde (Médico).

VÃO AO MÉDICO	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	26 (18,9)	89,6	59 (56,6)	67,8	10 (19,5)	33,3	95
Não	3 (10,1)	10,4	28 (30,4)	32,2	20 (10,5)	66,6	51
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parenteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 20,99$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 21 - Frequências Observadas, Esperadas (e Porcentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-proprietários, com relação à Saúde (Médico).

VÃO AO MÉDICO	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	28 (20,85)	96,5	66 (62,56)	75,9	11 (21,57)	36,7	105
Não	1 (8,14)	3,5	21 (24,43)	24,1	19 (8,42)	63,3	41
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parenteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 17,30$$

$$(g.l. = 2)$$

Em seguida procuramos analisar as relações entre o nível de vida e os serviços odontológicos, formulando a seguinte hipótese:

"A percentagem de famílias que fazem tratamento dentário é a mesma entre os três níveis de vida."

Rejeitamos, também, a hipótese relativa a serviços odontológicos e afirmamos com uma probabilidade maior de 95% que existe diferença quanto à frequência ao tratamento dentário entre os três níveis de vida e nas duas categorias sócio-econômicas. Ver Quadros 22 e 23.

Quadro 22 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Proprietários, com relação à Serviços Odontológicos.

VÃO AO DENTISTA	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	12 (6,46)	80,0	28 (26,70)	45,2	16 (22,83)	30,2	56
Não	3 (8,53)	20,0	34 (35,29)	54,8	37 (30,16)	69,8	74
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 27,84$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 23 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida para a Categoria de Não-Proprietários, com relação à Serviços Odontológicos.

VÃO AO DENTISTA	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	12 (6,46)	80,0	28 (26,70)	45,2	16 (22,83)	30,2	56
Não	3 (8,53)	20,0	34 (35,29)	54,8	37 (30,16)	69,8	74
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas

$$\chi^2 = 12,03 \quad (g.l. = 2)$$

Entretanto, com os dados obtidos não nos foi possível estabelecer a que tipo de tratamento dentário as famílias se submetem.

A situação revelada pelos dados acima só pode ser explicada, de um lado, pelo maior ou menor capacidade dos indivíduos em despende com serviços de saúde e, do outro, pelo reduzido alcance dos serviços de assistência sanitária e social na área rural em foco.

Nível de Vida e Comunicação

Consideremos, neste novo passo, qual a extensão do impacto da

modernização da vida urbana sôbre a rural e as possibilidades de resposta das diversas categorias sócio-econômicas desta última área, quanto à comunicação de massa.

Uma das formas mais importantes de difusão cultural, quanto à informações, padrões de comportamento, valôres sociais e motivações para a aquisição de bens de consumo, está ligada aos meios de comunicação de massa, especialmente aos audio-visuais. A simples aquisição de aparelho receptor já representa por si só uma significativa tendência de participação das populações rurais na cultura urbana.

Procurando averiguar o grau dessa tendência, testamos as relações entre nível de vida e os seguintes meios de comunicação: rádio, televisão e jornais e revistas. O teste do X^2 , para todos os meios de comunicação, foi feito com uma tabela de contingência com as categorias SIM e NÃO nos três níveis de vida.

Relativamente ao rádio, formulamos a seguinte hipótese:

"A percentagem de pessoas que possuem aparelho de rádio é a mesma nos três níveis de vida."

O resultado do teste mostrou-se significativo para os proprietários e não significativo para os não-proprietários. Contudo, convém observar que apesar das diferenças indicadas entre as diversas categorias, é muito alta em cada uma delas a taxa de proprietários de receptores. Isto revela que o uso dêste aparq

lho está grandemente difundido na zona rural e que mesmo a parcela expressiva de famílias de baixa renda e baixo nível de alimentação conta com êles. Ai está um bom indicador da tendência para a integração à cultura urbana. Ver Quadros 24 e 25.

Quadro 24 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Posse de Rádio entre os Proprietários nos Três Níveis de Vida.

POSSUEM RÁDIO	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	29 (28,5)	100,0	76 (77,5)	87,4	25 (26,7)	83,3	130
Não	(0,5)	0,0	11 (9,5)	12,6	5 (3,3)	16,7	16
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 18,17$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 25 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Posse de Rádio entre os Não-proprietários - nos três Níveis de Vida.

POSSUEM RÁDIO	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	15 (13,73)	100,0	57 (56,80)	91,9	47 (48,51)	88,7	119
Não	0 (1,27)	0,0	5 (5,20)	8,1	6 (4,49)	11,3	11
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 1,95$$

$$(g.l. = 2)$$

Os dados concernentes à audiência de programas radiofônicos - confirmam o que foi dito, pois, a totalidade da população da amostra ouviu transmissões mesmo quando em aparelhos alheios.

Os tipos de programas indicam, por sua vez, a maior ou menor - variedade de aspectos da cultura urbana influenciando a cultura rural. Assim sendo, tomamos três espécies de transmissões - específicas como indicadoras desse fenômeno em relação aos níveis de vida.

A primeira refere-se a um programa, tipicamente urbano, e o χ^2 revelou-se não significativo para as duas categorias gerais, -

sendo as diferenças percentuais irrelevantes para merecerem análise especial. Ver Quadros 26 e 27.

Quadro 26 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Categoria de Proprietários que Assistem à Programa Radiofônico Tipicamente Urbano, nos Três Níveis de Vida.

Programa Sylvio Santos (*)	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	15 (17,68)	51,7	58 (53,03)	66,7	16 (17,88)	53,3	89
Não	14 (11,32)	48,3	29 (33,97)	33,3	14 (12,12)	46,7	57
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

(*) Programa de auditório dos mais ouvidos pela população urbana.

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 3,29$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 27 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Categoria de Não-proprietários que Assistem à Programas Radiofônico Típicamente Urbano, nos Três Níveis de Vida.

Programa Silvio Santos(*)	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	7 (6,90)	46,7	31 (28,60)	50,0	22 (24,50)	41,5	60
Não	8 (8,1)	53,3	31 (28,60)	50,0	31 (28,50)	58,5	70

(*) Programa de auditório, dos mais ouvidos pela população urbana.

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 0,83$$

$$(g.l. = 2)$$

A segunda transmissão refere-se a programas caipira " e o χ^2 revelou-se não significativo, embora existam algumas diferenças percentuais que devem ser consideradas para se assinalar certas situações particulares. Assim, entre proprietários e não proprietários há menor taxa de ouvintes no nível de vida mais alto; e maior no nível de vida mais baixo. Ver Quadros 28 e 29.

Quadro 28 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários que Assistem a Programas "Caipiras" nos Três Níveis de Vida.

Programa "Caipira"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	3 (6,40)	10,3	20 (19,10)	23,0	9 (6,60)	30,0	32
Não	26 (22,60)	89,7	67 (69,90)	77,0	21 (23,40)	70,0	114
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 3,47 \quad (g.l. = 2)$$

Quadro 29 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários que Assistem a Programas "Caipiras" nos Três Níveis de Vida.

Programa "Caipira"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	1 (2,80)	6,7	10 (11,40)	16,1	13 (9,80)	24,5	24
Não	14 (12,20)	93,3	52 (50,60)	83,9	40 (43,20)	75,5	106
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 2,90 \quad (g.l. = 2)$$

As categorias mais baixas, com menor capacidade de resposta a certos estímulos da cultura urbana, preservam mais os traços da cultura tradicional como se vê pela audiência a programas "caipiras". De outra parte, devido a essa persistência, as estações emissoras mantêm êsses programas que, por sua vez, contribuem para a preservação daquêles padrões e valôres. Diga-se de passagem, que essa persistência cultural é, também, observada entre os contingentes do êxodo rural mesmo quando localizados nos grandes centros do complexo industrial paulista.

De outra parte, os resultados referentes ao programa de caráter urbano são bem mais elevados do que os referentes a programas "caipiras", o que, mais uma vez, revela a tendência à integração de padrões culturais citadinos, nas duas categorias sócio-econômicas e respectivos níveis de vida.

A audiência a programas "diversos", excluindo os já citados, decresce com os níveis de vida entre proprietários e não-proprietários. Verificamos a significância estatística Quadros 30 e 31 dessas diferenças no teste da seguinte hipótese:

"É indiferente a audiência a programas "diversos" nos níveis de vida alto, médio e baixo."

Quadro 30 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para os Proprietários à Audiência de Programas "Diversos" nos Três Níveis de Vida.

Programas "Diversos"(*)	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	10 (3,40)	34,5	7 (10,10)	8,0	0 (3,50)	0,0	17
Não	19 (26,60)	65,5	80 (76,90)	92,0	30	100,0	129
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

(*) Refere-se a novelas radiofônicas e programas de músicas modernas.

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 19,75$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 31 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para os Não-proprietários à Audiência de Programas "Diversos" nos Três Níveis de Vida.

Programas "Diversos"(*)	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	7 (3,10)	46,7	15 (12,90)	24,1	5 (11,00)	9,4	27
Não	8 (11,90)	53,3	47 (49,10)	75,9	48 (42,00)	90,6	103
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

(*) Refere-se a novelas radiofônicas e programas de músicas modernas.

Os números entre-parênteses referem-se as frequências esperadas.

$$\chi^2 = 10,69$$

$$(g.l. = 2)$$

A diferença de grau quanto à participação na cultura urbana, - através dos meios de comunicação, mais se acentua com a posse de aparelhos televisores. Assim, somente as famílias de nível alto contam tais aparelhos, em taxas de 67,0% para os proprietários e 66,0% para os não-proprietários. Isto não só as distancia mais das famílias de outros níveis de vida, como ainda as distingue daquelas de seu próprio nível, quando à participação cultural. Todavia, na amostra encontramos famílias não possuidoras do aparelho que assistem a programas televisionados. Os dados mostram que o número de famílias que assistem televisão se distribue pelos diferentes níveis das duas categorias - sócio-econômicas. A fim de comprovar estatisticamente tal evidência formulamos a seguinte hipótese:

"A percentagem de assistentes aos programas de televisão é a mesma nos três níveis de vida."

Rejeitamos essa hipótese pois o X^2 mostrou-se significativo - nas duas categorias; e afirmamos, com a probabilidade maior de 95%, aqui também, estar indicada uma diversidade no grau de participação na cultura urbana. Ver Quadros 32 e 33.

Quadro 32 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens)
de Assistentes a Programas de Televisão entre os
Proprietários, nos Três Níveis de Vida.

Assistem Televisão	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	24 (13,10)	82,8	33 (39,30)	37,9	9 (13,10)	30,0	66
Não	5 (15,90)	17,2	54 (47,70)	62,1	21 (16,90)	70,0	79
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 21,16$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 33 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens)
de Assistentes a Programas de Televisão entre os
Não-proprietários nos Três Níveis de Vida.

Assistem Televisão	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	10 (5,70)	66,7	24 (23,40)	38,7	15 (19,90)	28,3	49
Não	5 (9,30)	33,3	38 (38,60)	61,3	38 (33,10)	71,7	81
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 7,37$$

$$(g.l. = 2)$$

O grau de participação na cultura urbana ainda se revela na capacidade cultural de diversificação de interesses e entretenimentos. Enquanto a assistência ao programa de auditório "Silvio Santos" é frequente em todos os níveis, a audiência a programas "diversos" particularmente a novelas, é maior quanto mais alto for o nível de vida. Assim podemos formular e testar nos Quadros 34, 35, 36 e 37 as seguintes hipóteses:

- a) "É indiferente a assistência ao Programa "Silvio Santos" entre os três níveis de vida."
- b) "A percentagem de famílias nos três níveis de vida é a mesma em relação a programas "diversos".

Quadro 34 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Silvio Santos", entre Proprietários.

Programa "Silvio Santos"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	10 (6,90)	35,4	18 (20,80)	20,7	7 (7,20)	23,3	35
Não	19 (22,10)	64,6	69 (66,20)	79,3	23 (22,80)	66,7	111
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$x^2 = 2,72$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 35 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Silvio Santos" entre os Não-proprietários.

Programa "Silvio Santos"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	2 (1,80)	13,3	7 (7,60)	11,3	7 (6,50)	13,2	16
Não	13 (13,20)	86,7	55 (54,40)	88,7	46 (46,50)	86,8	114
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 0,11$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 36 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários nos Três Níveis de Vida, com relação à Assistência ao Programa "Diversos"

Programa "Diversos"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	13 (4,80)	44,8	9 (14,30)	10,3	2 (4,90)	6,7	24
Não	16 (24,20)	55,2	78 (72,70)	89,7	28 (25,10)	93,3	122
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 21,45$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 37 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida em relação à Assistência a Programas "Diversos"

Programa "Diversos"	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	4 (2,30)	26,7	12 (9,50)	19,4	4 (8,10)	7,5	20
Não	11 (12,70)	73,3	50 (52,50)	80,6	49 (44,90)	93,5	110
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 4,71$$

$$(g.l. = 2)$$

Com base nos resultados do teste apresentado nos Quadros 34 e 35 a hipótese (a) não foi rejeitada. Em consequência, concluímos que todos os níveis (alto, médio e baixo) assistem ao Programa "Silvio Santos" com igual interêsse.

Vejamos agora os resultados relativos a programa "Diversos" - (hipótese b).

em relação à categoria de proprietários rejeitamos a hipótese e afirmamos com probabilidade maior que 95% que existe diferença quanto à assistência a programa "Diversos", especialmente a

"Novelas". Entre os não-proprietários a hipótese não foi rejeitada pois assistir programas "diversos" distribui-se igualmente pelos três níveis de vida.

Talvez o indicador mais expressivo da gradação em tela consista na aquisição de revistas e assinatura de jornais. É que tais meios de comunicação de massa já requerem, para serem utilizados, não só a alfabetização, mas, também, o hábito de leitura, ao mesmo tempo que informam sobre assuntos, os mais variados. Estes, por sua vez, também, se referem, como no caso do jornal, a fatos internacionais muitas vezes de área de interesse restrita no contexto sócio-cultural agrário.

Quanto às revistas, as taxas indicam serem elas altamente usadas pelas classes altas das duas categorias - 82,8% para proprietários e 73,3% para não-proprietários, ao passo que entre os de nível de vida mais baixo somente 30,2% destes as lêem e 50,0% dos proprietários as adquirem para leitura. Para verificar o relacionamento entre as variáveis - "leitura de revistas" e "nível de vida" testamos a hipótese:

"A percentagem de pessoas nos três níveis de vida é a mesma com relação à Leitura de Revistas. (29)"

Rejeitamos a hipótese e aceitamos a existência de diferenças - entre os três níveis de vida nas duas categorias, com relação à leitura de revistas. O teste evidenciou, também, que entre -

(29) Entendemos por Revistas: "Cruzzeiro, Família Cristã, Grande Hotel, Capricho e Melodias", todas de caráter mais ou menos popular.

as famílias de nível de vida mais alto há um maior hábito de leitura. Ver Quadros 38 e 39.

Quadro 38 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Proprietários nos Três Níveis de Vida com relação à Leitura de Revistas.

Leitura de Revista	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	24 (17,30)	82,8	48 (51,80)	55,2	15 (17,90)	50,0	87
Não	5 (11,70)	17,2	39 (35,20)	44,8	15 (12,10)	50,0	60
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 8,31$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 39 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários nos Três Níveis de Vida com relação à Leitura de Revistas.

Leitura de Revista	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	11 (7,70)	73,3	40 (31,90)	64,5	16 (27,30)	30,2	67
Não	4	26,7	22 (30,10)	35,5	37 (25,70)	69,8	63
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 16,70$$

$$(g.l. = 2)$$

Com relação aos jornais, verificamos que sua aceitação, como era de se esperar, é maior entre as famílias das classes mais altas quer de proprietários como de não proprietários. Para testar essa observação elaboramos e testamos os Quadros 40 e 41 a seguinte hipótese:

"É indiferente a leitura de jornais entre os três níveis de vida".

Quadro 40 - Frequências Observadas e Esperadas (e Porcentagens) entre os Proprietários, nos Três Níveis de Vida, com relação à leitura de Jornais.

Leitura de Jornal	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	16 (7,20)	55,2	20 (21,50)	23,0	0 (7,40)	0,0	36
Não	13 (21,80)	44,8	67 (65,50)	77,0	30 (22,60)	100,0	110
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 24,48$$

$$(g.l. = 2)$$

Quadro 41 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) entre os Não-proprietários, nos Três Níveis de Vida, com relação à Leitura de Jornais.

Leitura de Jornal	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Sim	9 (4,10)	40,0	16 (17,20)	25,8	11 (14,70)	20,8	36
Não	6 (10,90)	60,0	46 (44,80)	74,2	42 (38,30)	79,2	94
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 2,29 \quad (\text{g.l.} = 2)$$

Rejeitamos a hipótese para a categoria de proprietários e aceitamo-la para a de não-proprietários. O exposto confirma que entre os proprietários, aqueles de nível mais alto têm maior hábito de leitura de jornais e, entre os não-proprietários podemos verificar que esse hábito é pequeno.

No conjunto dessas informações podemos concluir que a capacidade de resposta aos estímulos da cultura urbana, quanto aos meios de comunicação, varia segundo o poder aquisitivo e

o nível cultural dos grupos representados na amostra.⁽³⁰⁾ Este último se expressa, não só pela diversidade de programas audio-visuais, mas, principalmente pela espécie do meio de comunicação utilizado: do rádio ao jornal há uma progressiva redução do grupo que os utiliza.

Nível de Vida e Educação

Ao pretendermos relacionar as variáveis "nível de vida" e "escolaridade", tomamos como indicador desta última o grau de instrução das moças arroladas na amostra. Como se sabe, na sociedade tradicional a instrução é um privilégio dos homens e, entre êsses, dos residentes nas zonas urbanas ou proximidades de raras escolas rurais. Isto para não falarmos na educação em níveis médio e superior, restrita quase sempre às classes sociais médias e altas.

Uma das características do processo de modernização da vida social é o rompimento dêsse privilégio, abrindo-se às mulheres iguais oportunidades de estudo. De outra parte, a crescente expansão da rêde escolar rural propicia aos

(30) - Idêntica confirmação faz Ursula Albersheim em "Uma Comunidade Teuto-Brasileira (Jarim) - "A Organização Social", Cap. IV, p. 142.

moradores do campo a oportunidade de pelo menos frequentar os cursos primários. Devido a êste fato, os padrões urbanos referentes à instrução, têm alcançado mais o contingente rural masculino. É possível, ainda que o mesmo não esteja acontecendo com o contingente feminino, devido à persistência de antigos padrões ou, pelo menos, ao desinterêsse das moças pela instrução, além de um certo grau, em vista da inexistência de oportunidades para sua profissionalização. Assim sendo, elas representariam o caso extremo inferior da família rural no que respeita a instrução. Assim, consideraremos a escolaridade a partir de 2 mínimos: (a) o institucional, relativo ao ensino primário; (b) o social relativo ao grau de instrução das moças das famílias rurais. Nesta linha de pensamento, as famílias mais afetadas pela cultura urbana são aquelas cujos membros femininos tem tido maiores possibilidades de responder aos estímulos educacionais modernos.

Dada a expansão da rede escolar rural formulamos a hipótese:

"A percentagem de moças alfabetizadas é a mesma nos três níveis de vida".

Para medir o grau de alfabetização das moças demos-lhes um pequeno texto (8 linhas datilografadas) para ler e interpretar. Logicamente, as moças que nunca frequentaram a escola não o leram; entretanto algumas com escolaridade não

foram capazes de ler e foram consideradas, pois, analfabetas. As demais moças com escolaridade leram o texto. Foram ainda classificadas como semi-alfabetizadas as que leram mal e não souberam interpretar, isto é, não o entenderam. E, na categoria de alfabetizadas as que o leram e o interpretaram normalmente.

Rejeitamos a hipótese ao nível de significância de 5%. Em consequência, concluímos que, embora a rede escolar rural tenha se expandido, o grau de alfabetização da moça está condicionado, ainda ao nível de vida de sua família. Ver Quadros 42 e 43.

Quadro 42 - Frequências Observadas e Esperadas (e Porcentagens) de Moças Alfabetizadas, nos Três Níveis de Vida entre as Filhas de proprietários.

Alfabetização	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Alfabetizadas	25 (16,28)	86,2	45 (48,86)	51,7	12 (16,84)	40,0	82
Semi-Alfabetizadas	4 (8,14)	13,8	25 (24,43)	28,7	12 (8,42)	40,0	41
Analfabetas	0 (4,56)	0,0	17 (13,70)	19,6	6 (4,72)	20,0	23
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 15,70 \quad (f.l. = 4)$$

Quadro 43 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) de Moças Alfabetizadas nos Três Níveis entre as filhas de Não-proprietários.

Alfabeti- zação	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Alfabeti- zados	12 (7,40)	80,0	34 (30,50)	54,8	18 (26,10)	34,0	64
Semi-Al- feti-za- das	2 (3,30)	13,3	2 (13,80)	35,5	15 (11,80)	28,3	29
Analfa- betas	1 (3,10)	6,7	6 (12,90)	9,7	20 (11,00)	37,7	27
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 25,49 \quad (\text{g.l.} = 4)$$

A relação entre nível de vida e escolaridade também, se mostrou significativa. Foi o resultado obtido (Quadros 44 e 45) quando testamos a hipótese:

"É indiferente o nível de escolaridade entre as moças nos três níveis de vida.

Quadro 44 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para a Escolaridade dos Três Níveis de Vida entre Filhas de Proprietários.

Escola- ridade	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Secun- dário	10 (2,18)	34,5	1 (6,56)	1,2	0 (2,26)	0,0	11
Primá- rio	19 (25,02)	65,5	81 (75,08)	93,1	26 (25,89)	86,7	126
Sem Escola	0 (1,78)	0,0	5 (5,36)	5,7	4 (1,84)	13,3	9
TOTAL	29	100,0	87	100,0	30	100,0	146

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$\chi^2 = 41,15$$

$$(g.l. = 4)$$

Quadro 45 - Frequências Observadas e Esperadas (e Percentagens) para Escolaridade nos Três níveis de Vida entre Filhas de Não-proprietários.

Escola- ridade	Nível de Vida						TOTAL
	Alto		Médio		Baixo		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
Secun- dário	5 (0,69)	33,3	1 (2,86)	1,6	0 (2,44)	0,0	6
Primá- rio	9 (11,42)	60,0	55 (47,21)	88,7	35 (40,36)	66,0	99
Sem Esco- la	1 (2,88)	6,7	6 (11,92)	9,7	18 (10,19)	34,0	25
TOTAL	15	100,0	62	100,0	53	100,0	130

Os números entre-parênteses referem-se às frequências esperadas.

$$x^2 = 43,12$$

$$(g.l. = 4)$$

Como visto, rejeitamos a hipótese e concluímos que há diferenças entre a escolaridade nos três níveis de vida das duas categorias sócio-econômicas. Os dados revelam ainda que as percentagens de moças analfabetas diminuem na medida em que se sobe na escala sócio-econômica de ambas as categorias na amostra, entretanto, quase todas as famílias responderam aos novos estímulos educacionais, conforme o indicador mínimo tomado, pois apenas 12,3% das moças não frequentaram a escola.

Podemos inferir que essa população em estudo já teria rompido com antigos padrões referentes à educação representando mais uma evidência de sua participação na cultura urbana.

É neste contexto, (e não, no da antiga cultura rural) que devemos considerar as diferenças verificadas no grau de instrução.

Como na análise dos dados referentes aos meios de comunicação de massas, a diversidade de grau de instrução não indica a ausência de um processo de integração na cultura urbana envolvendo as famílias de nível de vida mais baixo. Ao contrário, estas também teriam sido afetadas pelo impacto da cultura urbana, participando com as demais de uma situação de mudança social. Essa, situação aliás, revelou-se

através de todos os indicadores que utilizamos. Desde os componentes da escala-padrão de nível de vida até os relativos à escolaridade.

O impacto da cultura urbana tem consequências diversas em uma população socialmente estratificada. E, como em toda a parte essa estratificação se define pelos diferentes graus de participação na riqueza, na cultura e no poder social. Os resultados desta pesquisa assim o indicaram, também.

C A P Í T U L O I V

RESUMO E CONCLUSÕES

Resumo

Este trabalho se propôs a realizar uma análise exploratória de situações criadas pela influência da economia industrial sobre a agrária e, conseqüentemente, pelo impacto da cultura de tipo urbano e moderno sobre a rural. A área escolhida para a pesquisa, o Município de Bragança Paulista, inclui-se na zona próxima da Capital do Estado de São Paulo, estando vinculado ao grande complexo industrial paulista.

Com tal propósito, procuramos enfocar as díspares situações condicionantes das diferenças de respostas aos múltiplos estímulos do binário economia-cultura urbanas.

As informações básicas da pesquisa foram obtidas através de entrevistas pessoais com os membros das famílias de uma amostra extraída do universo constituído das famílias de proprietários e de não-proprietários rurais do Município. Obtivemos, assim, informações acêrca de 276 famílias, das quais 146 eram da categoria de proprietários de terras e 130 da de não-proprietários de terras. Os dados foram coletados no ano de 1968.

A fim de investigar a variabilidade de situações sócio-econômicas e correspondentes respostas efetivas a estímulos culturais, adotamos o critério de verificar o nível de vida das famílias rurais através da elaboração de uma escala-padrão. O nível de vida expressa situações que limitam as

alternativas de comportamento dos rurícolas e, portanto, seu maior ou menor grau de participação na vida moderna.

A escala-padrão foi estabelecida através da seleção de 40 ítems materiais altamente correlacionados com "variáveis" indicadoras da renda. A escala-padrão foi, assim, testada para o Município em foco. Os limites para a classificação das famílias foram estabelecidos com o auxílio dos quartis nos seguintes níveis:

- (a) De 0 a 9 ítems - baixo nível de vida;
- (b) De 10 a 27 ítems - médio nível de vida;
- (c) De 28 a 40 ítems - alto nível de vida.

O procedimento analítico consistiu em testar e analisar as relações possivelmente existentes entre o nível de vida das famílias e outras variáveis relevantes, tais como: (a) posse da terra; (b) alimentação; (c) alimentação e posse da terra; (d) saúde; (e) comunicação; (f) educação. Em virtude da estrutura fundiária fornecer dados importantes ao estudo da situação das famílias rurais, procuramos verificar a relação entre o tamanho das propriedades e a distância da cidade, como indicadores da situação das famílias da amostra com relação às possibilidades de integração no contexto cultural urbano.

O teste estatístico empregado foi o X^2 (Qui-Quadrado) e o nível de significância escolhido foi o de 5%.

Conclusões

1. As características da população rural da área, indicadas pelo exame da amostra, revelaram que, no processo de mudança econômico-social, ela já passou a integrar em muitos aspectos a sociedade de tipo moderno. Certos componentes tradicionais, que aí se possam observar, constituem resíduos culturais, cuja preservação pode ser imputada a situações em que o indivíduo não foi alcançado por estímulos inovadores ou não teve possibilidades de adotar inovações propostas pela vida moderna.
2. A participação na vida social tipicamente moderna não se dá uniformemente, mas apresenta gradações segundo a estratificação econômico-social, sendo a posse da terra elemento essencial a ser considerado. Contudo, êsse elemento por si só não estaria determinando o grau da mencionada participação. A escala de nível de vida, com base nos itens da cultura material, revelou que as situações sócio-econômicas dependem do uso rentável da terra e do nível de remuneração da força-do-trabalho.
3. A escala do nível de vida, tal como foi construída expressa a relativa posição das famílias, sendo esta um resultado de suas maiores ou menores possibilidades de adoção de inovações ao nível do modo de vida material. De outra parte, porém, esta escala alarga ou restringe a probabilidade de res-

postas efetivas aos estímulos da cultura urbana. Assim, o nível de vida é, ao mesmo tempo, o resultado e o condicionamento de alternativas de possibilidades de ação econômico-social.

4. As situações, definidas em termo de posse de bens materiais, refletem-se no grau de participação no contexto cultural de tipo urbano. E isto se espelha, também, não só na obtenção de meios de comunicação de massas, como na orientação de sua utilização e nas possibilidades de interesses educacionais.

5. As situações reveladas na pesquisa não significam que as famílias nelas permaneçam e tenham permanentemente limitadas suas alternativas de comportamento e grau de participação na sociedade moderna. O fenômeno foi aqui examinado do ponto de vista estrutural, mas deve ser, também, considerado do ponto de vista da dinâmica social. As situações podem ser alteradas endogenamente pela reorientação de comportamento dos agentes, ao nível da ação econômica, com efeitos sobre sua vida cultural. Mas, podem, também ser modificadas exogenamente, em consequência de processos do desenvolvimento regional.

Recomendações

1. Considerando o envolvimento da região pelo processo de mudança econômico-social, há possibilidade de se estimular intencionalmente certas condutas que concorram para a elevação do nível de vida familiar. O estímulo intencional de fatores endógenos pode-se dar através de ações socializantes e ressocializantes exercidas interdisciplinarmente.
2. Dados os limites de alternativas possíveis em cada situação familiar, aquela micro-interferência, quando executada em ações isoladas, fica, também sujeita a uma limitação de resultados. Estes se mostrarão mais relevantes quando a atuação interdisciplinar local fôr incluída em planos de desenvolvimento regional. Isto possibilitaria simultaneamente, a abertura de novas possibilidades de ação econômico-social e o alargamento da área de interesses e probabilidades de satisfação. Assim, a micro-interferência tornaria significação maior quando participante de projetos da macro-interferência na região. Aliás, esta necessidade de reorientação dos programas de desenvolvimento de comunidade já foi anteriormente ressaltada por diversos cientistas sociais, Assim, por exemplo, como fêcho das presentes recomendações, citaremos "data venia", uma das conclusões da Primeira Conferência Internacional sôbre Desenvolvimento de Comunidade. (31)

"O desenvolvimento de Comunidade exige uma política de govêrno que faça concordar a planificação nacional e a ação dos setores públicos e privados com o êxito das finalidades do desenvolvimento comunitário".

(31) "Primera Conferência Interamericana sobre Desarrollo de Comunidad", patrocinada pela Organização dos Estados Americanos (O E A), (Santiago do Chile, 1970), p.5.

S U M M A R Y

Summary

The purpose of this work was to carry out an exploratory analysis of situations created by the influence of an industrial economy on the agricultural economy and consequently the impact of the urban and modern type culture on the rural culture. The selected area for this research, the Contry of Bragança Paulista, is located in the zone nearest the Capital of the State of São Paulo, which is a part of the great industrial complex of the State.

With this purpose in mind, I tried to focus the unlike situations conditioning the differences in answers to the multiple stimuli of the couple - urban economy - culture.

The basic information was obtained through personal interviews with members of the families of a sample taken from the universe composed of families of rural owners and non-owners in the County. We obtained information on about 276 families, from which 146 belonged to the category of land owners and 130 of non-land owners. Data were collected in 1968.

To investigate the variability of socio-economic situations and corresponding effective answers to cultural stimuli, we adopted the criteria of checking the level of living of the rural families through the elaboration of a pattern-scale. The level of living expresses situations which limit the behaviour alternatives of the rural people and, therefore, their higher or lower degree of sharing the modern life.

The pattern-scale was established through the selection of 40 material items highly related to "variables" indicative of income. The pattern-scale was thus tested for the County under study. The limits for the classification of families were established with the aid of quartiles at the following levels:

- (a) From 0 to 9 items - low level of living;
- (b) From 10 to 27 items - average level of living;
- (c) From 28 to 40 items - high level of living.

The analytical procedure was that of testing and analyzing the relations which might exist between the level of living of families and other variables of relevance such as: (a) ownership of land; (b) food; (c) food and ownership of land; (d) health; (e) communication; (f) education. Since the agrarian structure furnishes important data for the study of the status of the rural families, we tried to verify the relationships existing between the size of farms and the distance from the town, as indicators of the situation of the families in the sample in relation to the viability of integration in the urban cultural context.

The statistical test used was that of X^2 (Chi-Square) and the selected level of significance that of 5%.

Conclusions

1. The characteristics of the rural population in the area,

as indicated by examination of the sample, showed that in the process of social-economic change that it has already integrated in many respects the modern type society. Certain traditional components which may be seen there constitute cultural residues, whose preservation can be ascribed to situations where the individual has not been reached by innovating stimuli or has not had yet possibilities of adopting innovations proposed by the modern life.

2. Participation in the typically modern social life does not occur uniformly, but it presents gradations according to the **social-economic** stratification. However, this element by itself would not determine the degree of the mentioned participation. The scale of level of living, based on items of material culture, showed that the socio-economic situations depend on the rentable use of land and on the level of labor income.

3. The scale of level of living, as it was constructed, express the relative position of the families, which is a result of the higher or lower possibilities of adoption of innovations at the material level of living. On the other side, however, this scale enlarges or restricts the probability of effective answers to stimuli of the urban culture. Thus, the level of living is at the same time the result and the conditioning of alternatives of possibilities of social-economic action.

4. The situations, defined in terms of ownership of material properties, are reflected in the degree of participation in the cultural urban type context. Also, this is reflected in the obtaining of means of mass communication as well as in their utilization and in the educational possibilities and interests.

5. The situations shown in the research do not mean that the families remain in them and have permanently limited their behaviour alternatives and degree of participation in the modern society. The phenomenon was examined here from this structural point of view, but should be considered from the stand point of social dynamics. The situations can be endogenously altered through the behaviour reorientation of the agents at the level of economic action with effect on their cultural life. They can also be modified exogenously in consequence of processes of the regional development.

Recommendations

1. Considering the involvement of the region by the process of **social-economic** change, there is some possibility of stimulating certain conducts which would help raise the level of living of the family. The purposeful stimulus of endogenous factors may take place through socializing and resocializing actions exerted interdisciplinarily.

2. Due to the limits of possible alternatives in each family situation, that micro-interference is also subjected to a

limitation of results when carried out in isolated actions. The results will show more relevantly when the local interdisciplinary performance is included in the plans of regional development. This would make possible simultaneously the opening of new possibilities of social-economic action and the enlargement of the area of interests and probabilities of satisfaction. Thus, the micro-interference would have a broader significance when participating in projects of the macro-interference in the area. This need for reorientation of the programs of community development has been emphasized before by several social scientists. Thus, for example, to conclude the present recommendations, we would like to quote, "data venia", one of the conclusions of the First International Conference on the Development of Community.

"The development of the Community requires a government policy which makes the national planning and the action of the public and private sections agree with the objectives of the community development".

B I B L I O G R A F I A

- ALBERSHEIM, Ursula. Uma Comunidade Teuto-Brasileira - Jarim. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1962.
- CALDEIRA, Clovis. Menores no Meio Rural - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1960.
- CALDEIRA, João Netto. As Nossas Riquezas - Município de Bragança - Vol. III. Estab. Gráfico Irmãos Ferraz. São Paulo, 1929.
- CAMARGO, José Francisco. Crescimento da População do Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos. Vol. II, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Tese de Doutorado. USP - 1952.
- CÂNDIDO, Antonio. Os Parceiros do Rio Bonito - Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida. Livraria José Olímpio - Editora. Rio de Janeiro, 1964.
- COLLAZO - COLLAZO, J., RIOS, J.M. Ramsay, CHARLES, E. - "Development of a level-of-living. Escala for Puerto Rican rural families." Puerto Rico, University Agricultural Experiment Station, Bulletin, 156. 1960.
- CORDEIRO, C. de A. Normas para feitura de Teses. Piracicaba, E.S.A. "Luiz de Queiroz" Boletim Técnico-Científico nº 17, 1963.
- CORDEIRO, C. de A., A. Queda e J. Molina Filho. Estudo Piloto para Determinação de uma Escala Padrão de Nível de Vida das Famílias Rurais do Município de Piracicaba. Boletim Técnico Científico. E.S.A. "Luiz de Queiroz" U.S.P. 1965. (mimeografado)
- DAVIS, J.S. Standards and content of living. The American Economic Review. 35(1): 1-13. 1945 (mimeografado).

- DEIK, Virginia Lattes. "La Vivienda Rural en El Area Demostrativa de San Ramon". Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas (O E A) Montevideo, Uruguay. 1962. (mimeografado).
- DEIK, Virginia Lattes. "Nível de Vida Familiar en El Area Estanzuela. Aspecto Metodologicos". Instituto Interamericano de Ciencias Agrícolas (O E A), Montevideo, Uruguay, 1965 (mimeografado).
- DINIZ, Maria Augusta Vasconcellos. Bragança Paulista-Bi-Centenária. São Paulo, 1 964.
- EDITORA GLOBO. Dicionário de Sociologia Globo. Ed. Globo, 3ª Impressão, Pôrto Alegre. 1 967.
- FARIAS, Raimundo Hollanda. "Influência da modernização nos Estabelecimentos Rurais do Município de Piracicaba". Tese para obtenção do título de "Magister Scientiae", não publicada. E.S.A. "Luiz de Queiroz" - U S P. Piracicaba, 1 969.
- GEIGER, Pedro Pinchas. Evolução da Rêde Urbana Brasileira. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, 1 963.
- GOMES, Frederico Pimentel. Curso de Estatística Experimental. Piracicaba, 3ª Edição. E.S.A. "Luiz de Queiroz" U S P. 1 966.
- GREENBAUM e Paiva Brito, Ana Eliza. "Pilar do Sul - Aspectos Sócio-econômicos do Município". Agricultura em São Paulo. Ano XV, nº 9/10. Setembro e outubro de 1 968.
- GOUVEIA, Aparecida Joly. Professôres de Amanhã - Um Estudo da escolha ocupacional. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. MEC, 1 965.

- I B G E - Eragança Paulista - São Paulo. Monografia nº 271. Coleção de Monografias - I B G E, 1 964.
- I B G E - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - Vol. XXVIII. São Paulo A-I.
- INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - Diagnóstico da Agricultura Paulista. Agricultura em São Paulo. Ano XIV. nº 5 e 6. 1 967.
- MOLINA, Fº, José. "Adocão de Inovações Tecnológicas na Agricultura - Aspectos Teóricos e Práticos". Tese de Doutorado. Não Publicada. Piracicaba, E.S.A. "Luiz de Queiroz" - U S P. 1 968.
- MOLINA, Fº, José. "Condições Sociais Inadequadas na Agricultura Brasileira". Série Didática Nº 12. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. E.S.A. "Luiz de Queiroz", U S P. Piracicaba, 1 968.
- NAÇÕES UNIDAS. International definition and measurement of levels of living ; an interim guide. New York (E/C Nº 5/353). 1 961.
- NOGUEIRA, Oracy. Família e Comunidade - Um Estudo Sociológico de Itapetininga/São Paulo. Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1 962.
- NOGUEIRA, Oracy. Pesquisa Social. Introdução às suas Técnicas. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1 968.
- ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS (O E A) "Primeira Conferência Interamericana sobre Desarrollo de Comunidad." Patrocinada pela O E A. Santiago do Chile, Julho 1 970 (mimeografado).
- PIERSON, Donald. Cruz das Almas. Coleção Documentos Brasileiros. Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1966.

- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Pesquisas de Sociologia Rural durante o ano de 1 966. Cadernos, nº 1 - 1ª série, Centro de Estudos Rurais e Urbanos. São Paulo, Março de 1 968.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Posse e Uso da Terra e Desenvolvimento Sócio-Econômico do Setor Agrícola", Brasil-Cida. (Resenha) - Cadernos nº 2. Centro de Estudos Rurais e Urbanos, São Paulo, 1 969.
- REPUBLICA DE VENEZUELA, Banco Central e Consejo de Bien estar Rural. Primeira Encuesta Nacional de Ingresos y Gastos Familiares en Venezuela. "Proyecto de Estudio sobre ingresos y Gastos Familiares en el Medio Rural de Venezuela". Caracas, 2ª ed., Março de 1 965. (Mimeografado)
- RODRIGUEZ, Moema de Souza, R.M. Siminionato, Eva Wilson. "Condições de Vida das Famílias do Município de Socorro, São Paulo", em 1 966. E.S.A. "Luiz de Queiroz", U S P - 1 970 (Mimeografado).
- SCHATTAN, Salomão. "Consumo Alimentar da Zona Rural. Levantamento Pilôto". Agricultura em São Paulo, Ano XV nº 5/6 maio-junho, 1 968.
- SCHATTAN, Salomão e Sérgio Vassimon". Condições de vida no meio rural do Município de Tietê." Agricultura em São Paulo, Ano XV nº 5/6. maio, junho, 1968.
- TOMPKIN, J. Robert. "Estatística e Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais Rurais". Apostila Mimeografada. Piracicaba, Convênio OSU/ESALQ, 1 967.
- U S P - Vale do Ribeira. Pesquisas Sociológicas. - As Enchentes. - O Centro Pesqueiro. Secretaria dos Serviços e Obras Públicas e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP - E.S. Paulo - Brasil. 1 969.

U S P - "Seminário sôbre a Pesquisa em Comunicação, Difusão de Inovações e Adoção de Práticas no Brasil Rural". Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. E.S.A. "Luiz de Queiroz" USP. Piracicaba, 1 967.

WEBER, Max. Economia y Sociedad - Fondo de Cultura. Economica. Mexico, 1 944.

WHITING, Gordow e Lytton Guimarães L. Comunicações das novas idéias. Edições Financeiras. S.A. 1 969.

WILKENING E.A. "Alguns Problemas do Planejamento de Pesquisa sôbre Mudança Social e Tecnológica em Áreas Rurais do Brasil". Revista Sociologia. Vol. XXVII, nº 1, março 1 965.

A P É N D I C E S

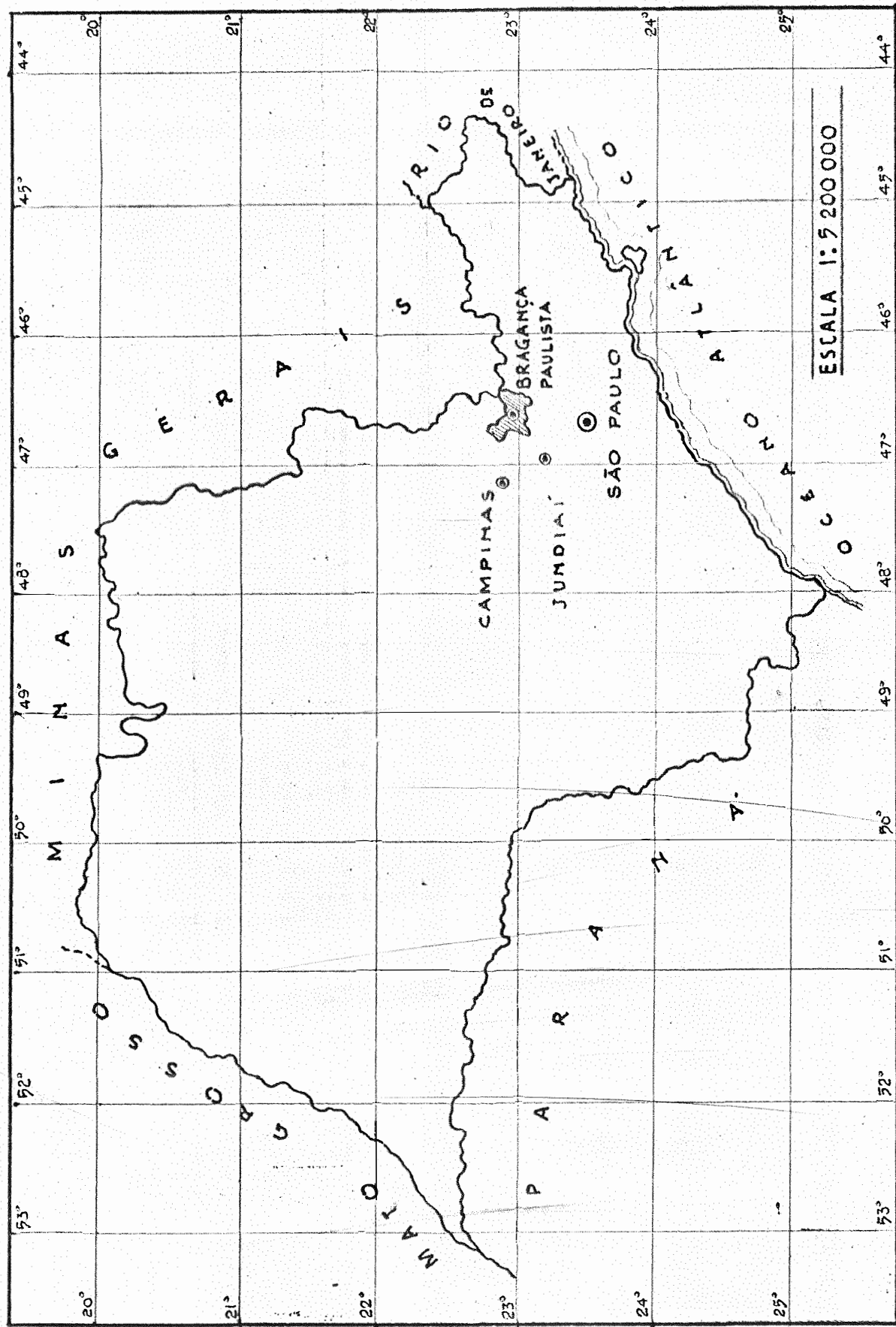


FIG. 1 - LOCALIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA NO MAPA DO EST. DE SÃO PAULO

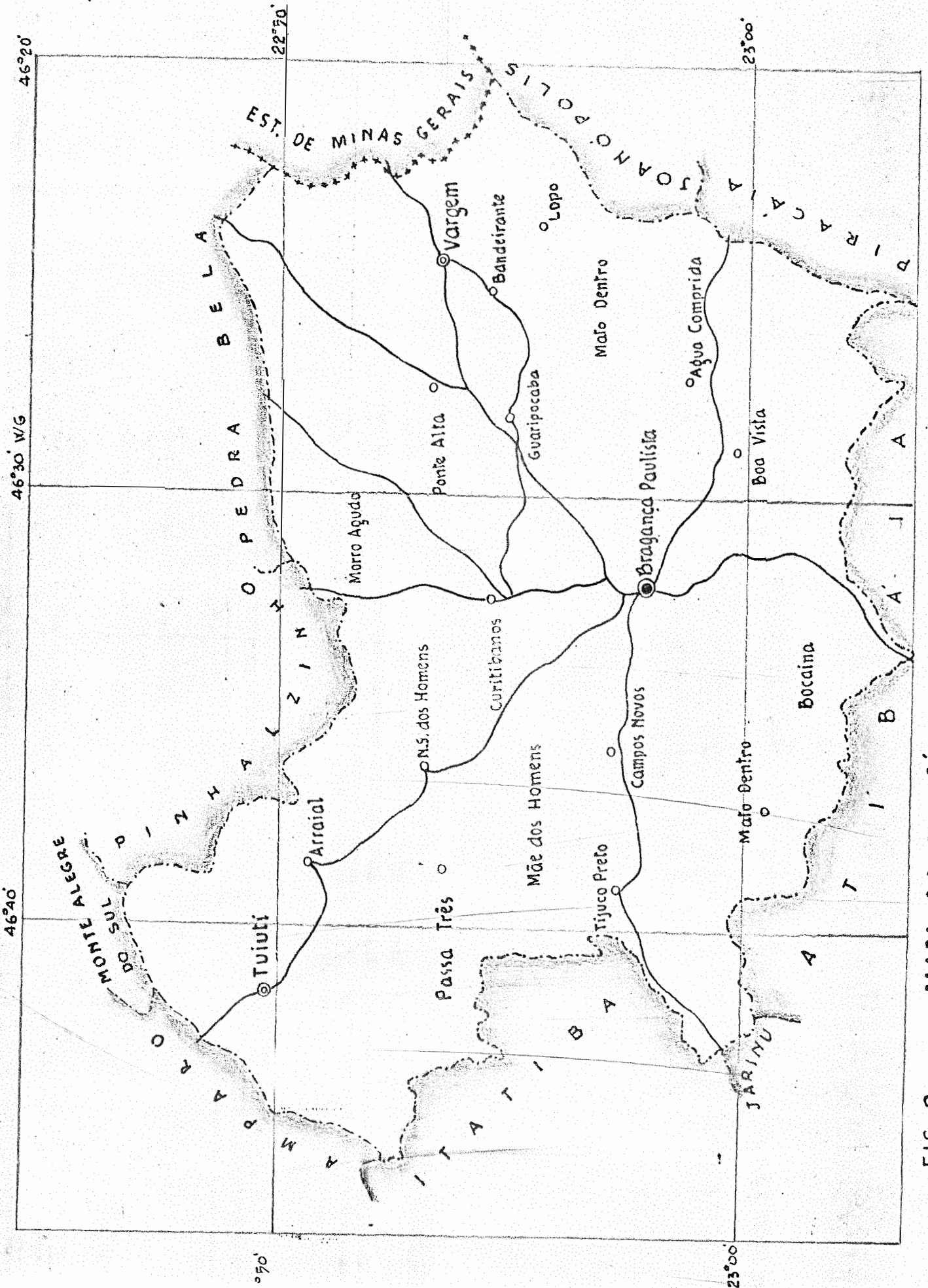


FIG. 2 - MAPA DO MUNICÍPIO DE BRAGANÇA PAULISTA - ESCALA 1:200.000